

SABER

# Cooperar

*A revista do cooperativismo*



Sistema OCB

CNCOOP - OCB - SESCOOP

Ano X - Nº 40 // OUT/NOV/DEZ 2022



## Coop guiado por dados

### Mercado

Aprenda a utilizar dados internos e externos a seu favor

### Oportunidade

Cooperativas podem liderar mercado de crédito de carbono

### Desafio

Cooperativismo quer gerar R\$ 1 trilhão de prosperidade para o Brasil

Quer mostrar que a sua  
**cooperativa**  
faz muito e faz bem?



### Use o carimbo SomosCoop!

Ele ajuda os consumidores a identificar produtos e serviços de cooperativas e mostra que o cooperativismo gera prosperidade e impactos positivos para as pessoas e comunidades.



→ [central.somos.coop.br](https://central.somos.coop.br)

Acesse para baixar o carimbo e os materiais de comunicação para sua coop.

somoscoop

## Dados para que te quero?

EDITORIAL

Vivemos novos tempos no cooperativismo! Nosso jeito diferente de fazer negócios finalmente reencontrou a sua essência, que sempre esteve ligada à inovação e à sustentabilidade. Depois de anos nos posicionando timidamente no mercado, agora queremos ser vistos pelo muito que temos feito pela economia brasileira. Chegou a hora de mostrar ao mundo que fazemos muito, e fazemos bem; que somos os pioneiros do mercado ESG e somos, sim, competitivos — sem abrir mão de valores como a ética, a cooperação e o respeito à diversidade. Além disso, precisamos destacar, urgentemente, a qualidade e o profissionalismo da nossa gestão, cada vez mais guiada por dados e resultados — justamente o tema central desta edição especial da **Saber Cooperar**

Para melhor entender a importância do uso estratégico de dados em um negócio, convidamos dois especialistas no assunto — um do coop e outro do mercado — para falar sobre o assunto. Ambos foram taxativos ao afirmar: é impossível crescer de forma sustentável fazendo uma gestão baseada em opiniões pessoais, intuição ou experiência prévia. Meu amigo cooperativista Robson Mafioletti, superintendente do Sistema Ocepar, foi direto ao ponto: “a gestão guiada por dados é a que, do nosso ponto de vista, dá certo.”

Outra reportagem interessante, desta edição, conta a história de três coops estrangeiras que utilizam os dados de seus cooperados para fazer o bem. Uma delas é a *Savvy Coop*, com sede nos Estados Unidos, que reúne pacientes com doenças crônicas ou graves. Sob demanda de laboratórios, institutos de pesquisa e universidades, eles participam de estudos dedicados ao desenvolvimento de novos tratamentos para suas enfermidades — uma forma inteligente e inovadora de transformar experiências que, em princípio, seriam pessoais, em dados capazes de salvar (ou pelo menos melhorar) a vida de muitas pessoas.

Por fim, a equipe da **Saber Cooperar** produziu uma matéria detalhada sobre como adequar sua cooperativa à Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD). O texto traz um passo a passo didático, capaz de ajudar sua coop a construir uma política eficiente de coleta, armazenamento e uso de dados. E fica um alerta: pouca gente sabe, mas manter dados pessoais por mais tempo do que o necessário e não documentar o destino dos mesmos também são infrações passíveis de multa pela nova legislação. Daí a importância de você entender todas as nuances e exigências da LGPD.

Se você — como eu — é um entusiasta dos dados e das novas tecnologias, não deixe de ler esta edição especial da revista do cooperativismo.

Boa leitura!

**Marcio Lopes de Freitas**  
Presidente do Sistema OCB

### COMO ACESSAR OS RECURSOS MULTIMÍDIA



Tendo o aplicativo de QR Code instalado em seu celular, basta abri-lo e direcionar a câmera do aparelho em direção ao código. Escaneie e espere o aplicativo direcioná-lo para o conteúdo.

ANO X • Nº 40 • ESPECIAL  
ISSN 2317-5109

**SESCOOP**

**CONSELHO NACIONAL**

- Marcio Lopes de Freitas – presidente

**REPRESENTANTES OCB**

**Região Centro-Oeste**

- Celso Ramos Régis – titular
- Luis Alberto Pereira – suplente

**Regiões Norte e Nordeste**

- Cergio Tecchio – titular
- José Merched Chaar – suplente

**Região Sudeste**

- Edivaldo Del Grande – titular
- Pedro Scarpi Melhorim – suplente

**Região Sul**

- Luiz Vicente Suzin – titular
- Leonardo Boesche – suplente

**Conselheiros Representantes dos Empregados em Cooperativas**

- Mauri Viana da Silva – titular
- Nivair de Castro de Souza – suplente

**REPRESENTANTES DO EXECUTIVO**

**Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento**

- Fabiano Maluf Amui – titular
- Marcio Cândido Alves- suplente

**Ministério da Economia**

- Myrian Mara Kosloski Prado – titular
- Geanluca Lorenzon – titular
- Adão José Correa Paiani – titular
- Juliano Cardoso Eleutério – titular

**CONSELHO FISCAL DO SESCOOP**

**REPRESENTANTES DA OCB**

- João Teles de Melo Filho – titular
- José Aparecido dos Santos – titular
- Alexandre Gatti Lages – suplente
- José Ronkoski – suplente

**Conselheiros representantes dos empregados em cooperativas**

- Raphael Miguel da Silva – titular
- Waldir Ferreira da Silva – Suplente

**REPRESENTANTES DO EXECUTIVO**

**Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento**

- Marcio Eli Almeida Leandro – titular
- Mara Marlene Machado Papini – suplente

**Ministério da Economia**

- Arthur Henrique da Silva Santos – titular
- Luíza de Amorim Motta Deusdará – titular

**SISTEMA OCB**

No Brasil, o movimento cooperativista é representado oficialmente pelo Sistema OCB, composto por três entidades complementares entre si:

- ✓ **Confederação Nacional das Cooperativas (CNCoop)** – órgão de representação sindical das cooperativas, composto também por federações e sindicatos.
- ✓ **Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB)** – entidade representativa do cooperativismo no país, responsável pela promoção, pelo fomento e pela defesa do sistema cooperativista em todas as instâncias políticas e institucionais, no Brasil e no exterior.
- ✓ **Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop)** – integrante do Sistema S, responsável pela formação profissional, pela promoção social e pelo monitoramento das cooperativas.



A revista *Saber Cooperar* é uma publicação do Sistema OCB, realizada com recursos do Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop) e distribuída gratuitamente em todo o Brasil.

**Gerente de Comunicação:** Samara Araujo

**Conselho Editorial:** Ana Regina Teixeira da Silva, Andressa Recchia, Fábio Alexandre Salazar, Fabíola Nader Motta, Fernando Ripari, Juliana Gomes de Carvalho, Karla Oliveira, Leonardo Machado, Malaquias Ancelmo de Oliveira, Maria José de Andrade Leão, Rosana Vargas e Wesley Santos.

**Jornalista responsável:** Guaira Flor

**Colaboração:** Alice Roberte e Lucas Badú

**Projeto gráfico e editorial**



**Edição:** Guaira Flor

**Diagramação:** Vanessa Kassabian

**Repórteres:** Alessandro Mendes, Amanda Cieglink, Débora Brito, Flávia Duarte, Freddy Charlson, Guaira Flor, Janaína Camelo, Lilian Beraldo, Mariana Branco e Paulo Pimenta

**Fotos da capa e do evento:** Mateus Camargo, Pano pra Manga, Claudio Andrade de Albuquerque, Pedro Henrique da França Amaral e Robson Alexandre Pereira Cesco

**Ilustrações:** Kleber Sales

**Revisão:** Luciana Pereira

**Sistema OCB:** Setor de Autarquias Sul – SAUS Qd. 4 Bl. "I"  
CEP 70070-936 – Brasília-DF (Brasil) – Telefone: +55 (61) 3217-2119  
E-mail: comunicacao@ocb.coop.br

# NESTA Edição



6



12



18



24



28



34



44



50



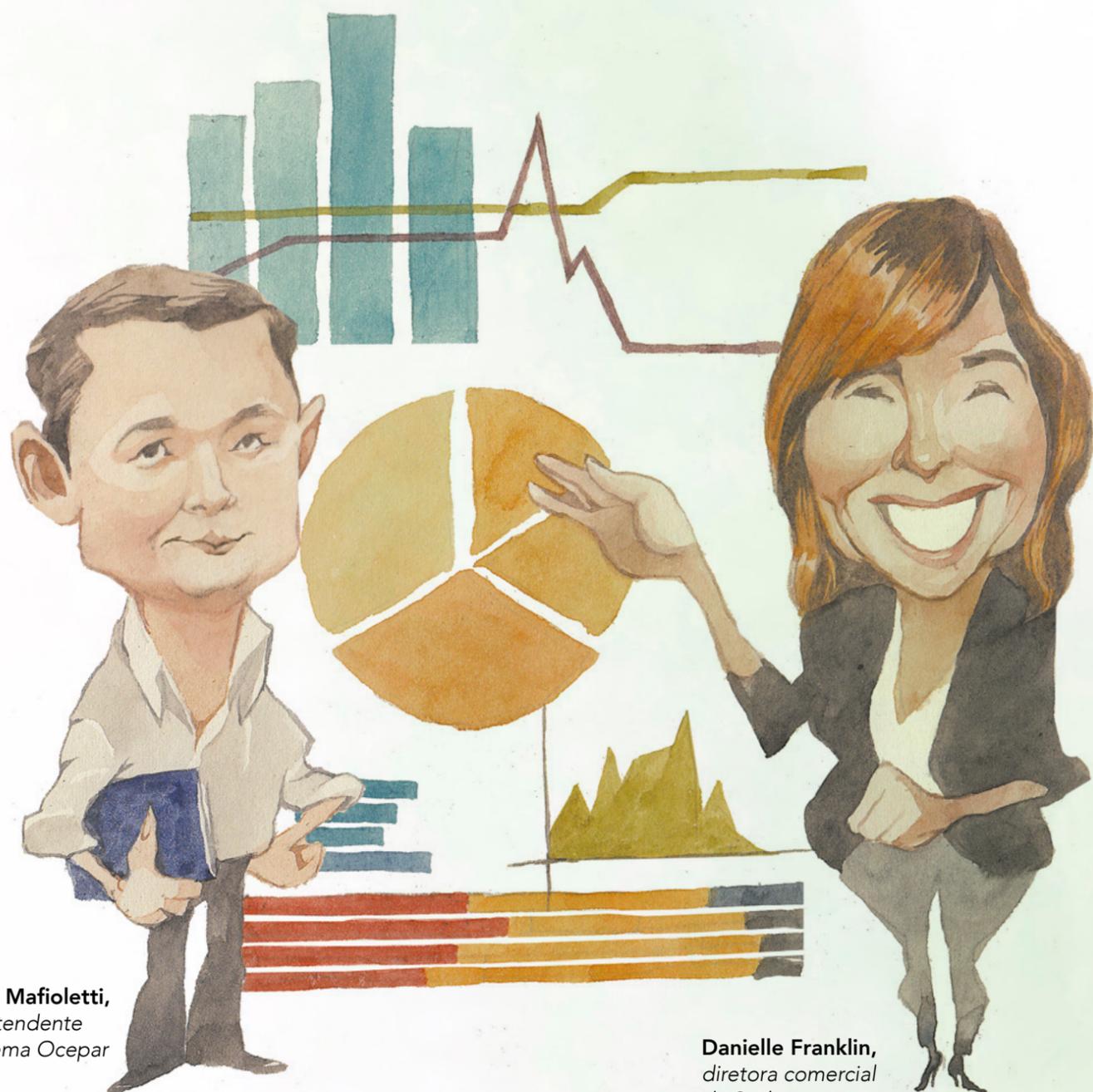
60



68

# ABAIXO O

# achismo



**Robson Mafioletti,**  
superintendente  
do Sistema Ocepar

**Danielle Franklin,**  
diretora comercial  
da Scala

**ENTREVISTAMOS DOIS ESPECIALISTAS EM GESTÃO DE DADOS, UM DO COOP E OUTRO DO MERCADO. AMBOS CONCORDAM: DECISÕES BASEADAS EM NÚMEROS SERÃO SEMPRE MELHORES E MAIS PRECISAS**

Por Alexandre Facciolla

O mercado brasileiro parece ter aceitado a máxima de que “os dados são o novo petróleo”. A pandemia certamente acelerou mudanças, mas a busca pela utilização de dados para tomadas de decisões rápidas e precisas já vinha crescendo. Hoje, a gestão guiada por dados (*data driven management*) consolida-se como estratégia eficiente de negócios em diversos setores da economia, impactando também o cooperativismo.

Para entender melhor os resultados e os desafios trazidos pela decisão de gerir um negócio guiado por dados, a Revista Saber Cooperar convidou dois especialistas no assunto: Danielle Franklin, diretora comercial da Scala — empresa do Grupo Stefanini com foco na implantação de abordagens tecnológicas que exigem alto grau de especialização em negócios —, e Robson Mafioletti, superintendente do Sistema Ocepar, referência no trabalho com dados.

Confira os melhores momentos da entrevista:

**Qual é a diferença entre uma gestão tradicional e uma gestão guiada por dados?**

**Danielle Franklin:** Quando uma organização consegue transformar dados em informações relevantes para o negócio, está fazendo uma gestão orientada por dados. Por exemplo: se eu quero saber como divulgar uma determinada campanha de marketing, com foco na sensibilização de um determinado público, eu deveria consultar meu histórico de vendas antes de tomar qualquer decisão. Fazer escolhas baseadas e guiadas por dados é exatamente isso: o gestor não toma decisões baseadas em achismo. Ele faz isso baseado em uma ou mais informações, construídas a partir de dados e estatísticas históricas, que facilitam a tomada de decisões futuras.

**Robson Mafioletti:** A gestão guiada por dados é a que, do nosso ponto de vista, dá certo; é a gestão profissional. Não é possível tomar nenhuma decisão importante sem levar em conta uma série de dados, números e estatísticas. É certo que decisões tomadas por feeling [intuição] ou baseadas em experiências anteriores fazem parte do dia a dia de um executivo. Mas, quando essa decisão é tomada com base em dados, via de regra, ela é muito mais assertiva. Aqui no Paraná, as cooperativas que trabalham com a gestão de dados são as que obtêm os melhores resultados.

### Em quais setores da economia esse modelo de gestão tem sido utilizado com maior êxito?

**DF:** Há setores que estão muito mais avançados na gestão guiada por dados, como a indústria financeira. Tecnicamente falando, a indústria financeira é o que chamamos de *early adopter*, ou seja, foi a primeira a adotar uma tecnologia de ponta. O varejo também largou na frente, até porque depende muito de dados para tomar decisões sobre o que comprar, quando comprar, quando mudar o preço etc. Mas, de uma forma geral, o mercado brasileiro já entendeu que “os dados são o novo petróleo”. O problema é que, para ser uma empresa com a cultura data-driven [guiada por dados], é preciso fazer investimentos que algumas instituições ainda estão receosas em fazer.

**RM:** Dentro do cooperativismo, os ramos Crédito, Saúde e Agropecuário são destaque. Nas cooperativas de crédito, todas as decisões são baseadas em dados — dos cooperados e do mercado; no Ramo Saúde acontece o mesmo. O Sistema Unimed tem trabalhado muito com Inteligência Artificial (IA) e uso de dados para obter melhores resultados. Nas cooperativas do agronegócio, os dados são fundamentais para viabilizar a agricultura de precisão.

O uso de dados também cresceu muito em diversas áreas internas das cooperativas, como na pesquisa e assistência técnica para os nossos cooperados. A área comercial é outra que utiliza bastante números e indicadores. Elas acompanham o mercado e as bolsas internacionais (Chicago, Nova York, B3, em São Paulo) para tomar decisões mais assertivas.

### Como saber se está na hora de investir em dados para melhorar a gestão de negócios?

**DF:** A pergunta que o negócio tem que se fazer é: que tipo de informação eu gostaria de ter para tomar melhores decisões? Essa informação é essencial para o meu negócio? Se a resposta for sim, essa cooperativa deveria investir em dados, com certeza.

## “A PERGUNTA QUE O NEGÓCIO TEM QUE SE FAZER É: QUE TIPO DE INFORMAÇÃO EU GOSTARIA DE TER PARA TOMAR MELHORES DECISÕES? ESSA INFORMAÇÃO É ESSENCIAL PARA MEU NEGÓCIO? SE A RESPOSTA FOR SIM, ESSA EMPRESA OU COOPERATIVA DEVERIA INVESTIR EM DADOS, COM CERTEZA.”

**Danielle Franklin,**  
*diretora comercial da Scala, empresa do Grupo Stefanini com foco na implantação de abordagens tecnológicas que exigem alto grau de especialização em negócios*

**RM:** Negócios mais complexos, que precisam tomar decisões com mais informações, vão ser mais beneficiados pela gestão guiada por dados. Temos aqui, no Paraná, muito trabalho de agricultura de precisão. As cooperativas do Ramo Agropecuário têm de pôr a semente adequada, no local adequado, com a quantidade certa de fertilizante e defensivo agrícola. Um negócio como esse com certeza vai se beneficiar de dados para a tomada de decisão. Já os negócios mais físicos, que têm mais atividades corriqueiras, via de regra, terão menos benefícios. Falo de atividades mecânicas, rotineiras, como o pessoal que cuida do cafezinho da empresa.



### Como agir em situações de contextos complexos, cujos dados não são conhecidos ou não há dados suficientes para uma análise completa da situação?

**DF:** O que fazemos como consultoria: entramos nas organizações fazendo o que chamamos de Assessment [um tipo de avaliação interna, que envolve relatórios, reuniões etc]. Nesses eventos, sentamos com todas as áreas da organização — vendas, marketing, logística, contabilidade, entre outras — e entendemos o que essas áreas gostariam de ter como informações para insights; o que gostariam de saber.

Depois, apontamos para eles que tipos de dados seriam necessários para ter aquela informação e mostramos como implementar a solução. Em seguida, cria-se um repositório que permita guardar e consultar esses dados facilmente. Ele precisa oferecer visualizações do passado e visões do futuro, usando estatística e matemática, ou seja, a famosa Ciência de Dados.

**RM:** Isso é um problema sério, mas acaba acontecendo. Até pela aceleração dos processos, com tomadas de decisão rápidas, é um problema não ter dados completos. Nesses casos, temos de usar o que têm [de dados] e buscar novas informações. No ambiente cooperativo, dialogamos muito. Usamos a experiência de quem tem mais vivência no mercado como uma fonte de informação para tomar decisões mais assertivas, mas esse não é o melhor caminho. O ideal seria construir uma base de dados.

**“A GESTÃO GUIADA POR DADOS É A QUE, DO NOSSO PONTO DE VISTA, DÁ CERTO; É A GESTÃO PROFISSIONAL. NÃO É POSSÍVEL TOMAR NENHUMA DECISÃO IMPORTANTE SEM LEVAR EM CONTA UMA SÉRIE DE DADOS, NÚMEROS E ESTATÍSTICAS.”**

**Robson Mafioletti,**  
superintendente do Sistema Ocepar.



decisões mais precisas e acertadas, gerando melhores e maiores resultados para os nossos cooperados. Além disso, usando ferramentas de inteligência de mercado, podemos tomar decisões mais rápidas e efetivas, profissionalizando a gestão cooperativista.

Estamos avançando na construção de uma base de dados unificada para as cooperativas do Paraná. Montamos uma Cooperativa Central de TI, chamada Uni-TI [criada em dezembro do ano passado], para que as cooperativas compartilhem o que for possível de informações, e façam uma gestão mais adequada de seus dados.

**Existe algum campo econômico no qual a gestão guiada por dados não se aplique ou não seja viável?**

**DF:** Sinceramente, acredito que em todos os setores da economia existam dados que possam virar insight [inspiração] para decisões estratégicas de negócio. Tudo o que tem a ver com entender o comportamento de alguém tem a ver com dados. E em todas as áreas essa realidade se aplica.

Vou dar um exemplo: será que o pessoal que cuida da limpeza não precisa saber a hora de comprar material para o próximo mês? Como fazer uma previsão correta para não comprar nem a mais, nem a menos? Outro problema comum nesse segmento: quantas pessoas é preciso colocar dentro de um shopping na época do Natal para limpá-lo? Baseando-se no fluxo de pessoas e no histórico de consumo dos produtos de limpeza, é possível tomar decisões mais assertivas. E tudo isso são dados.

**RM:** Que eu saiba, não. Em qualquer campo do conhecimento ou da economia, é difícil tomar decisões sem estar baseado em dados. Isso vale tanto para a parte econômica quanto para a parte social de um negócio. ■

**Visualizar dados e informações nem sempre é o suficiente, na hora de tomar uma decisão. É sabido que eles podem “mentir”, se não forem coletados e analisados da forma correta. Diante desse problema, como transformar dados em conhecimento?**

**DF:** Esta é uma pergunta excelente. Muitas empresas nos chamam para construir relatórios, dashboards, ou até para montar modelos matemáticos e estatísticos que ajudem a prever o futuro. O que muitas esquecem é que, antes de qualquer coisa, é preciso garantir que eles estejam visualizando um dado correto, realmente fidedigno ao histórico dos fatos.

Muito antes de pensar em visualizar, é preciso pensar no que chamamos de governança de dados — uma política de controle que garanta que esses dados são verdadeiros, têm qualidade e estão seguros, já que refletem as informações sensíveis da sua organização.

Somente depois de construir essa governança, é possível ter certeza de que os dados são confiáveis e capazes de antecipar futuros. Uma organização que fizer qualquer visualização ou previsão em cima de dados não organizados e sem qualidade pode prever algo completamente errado e levar o negócio ao caos.

**RM:** Se você tomar uma decisão baseada em dados com dados ruins, sua decisão será ruim. É aí que entram os engenheiros, administradores, cientistas de dados e economistas. Eles precisam checar esses dados e organizá-los de forma lógica. Não dá para gastar energia, capital com dados se não forem confiáveis. É preciso realmente checar as fontes e a precisão dos dados. Esse é um desafio que temos. Nessas horas, um bom gestor, com experiência no setor onde atua, faz muita diferença, pois se alguém mandar dados muito estranhos ou fora da curva, ele perceberá logo que a informação não está correta.

**Como o cooperativismo pode beneficiar as cooperativas e seus cooperados com ferramentas de inteligência de mercado (BI) e gestão guiada por dados?**

**DF:** Uma boa prática de mercado é o compartilhamento de dados. Todas as cooperativas deveriam compartilhar os dados dos setores nos quais atuam entre si. Dessa maneira, elas estarão gerando informações capazes de beneficiar todo o cooperativismo.

**RM:** O trabalho com dados pode beneficiar o cooperativismo de diversas maneiras. Analisando uma grande base de dados, teremos condições de tomar



# UM MUNDO DE INFORMAÇÕES À SUA *disposição*



**DESCUBRA COMO O  
COOP PODE ENCONTRAR,  
ORGANIZAR E UTILIZAR  
DADOS INTERNOS  
E EXTERNOS PARA  
CRESCER E FAZER  
NEGÓCIOS**

Por Carina Dourado

**T**omates ou alfaces? Não parece, mas uma pergunta simples como essa, feita para escolher qual produto será cultivado em propriedade, é capaz de mudar os rumos de toda uma produção. Antes de tomar uma decisão, o produtor precisa se fazer uma série de outras perguntas: qual produto pode ser colhido o ano todo? Qual deles tem os insumos mais baratos? E as pragas de qual é mais fácil controlar? Preciso de quantos funcionários para lidar com a plantação? Qual a variação de preço ao longo do ano? Preciso de embalagem para o produto?

A experiência do produtor, incluindo os anos na lavoura, os erros e acertos cometidos ao longo do tempo e o conhecimento sobre a composição dos preços certamente facilitam o processo de decisão. O consumidor, na outra ponta, não tem tantas preocupações e foca no valor final do produto. Mas para quem produz, é essencial que todas as escolhas (ou pelo menos a maior parte delas) gerem resultados positivos, fazendo o negócio valer a pena.

Independentemente do ramo de atuação da sua cooperativa, o uso de dados pode elevar ainda mais o nível de acertos e a redução dos riscos do negócio. Todas as informações sobre o processo de produção, estoque de matéria-prima, logística, composição de preço e desempenho de mercado — quando bem organizadas e analisadas — podem ajudar o gestor a tomar decisões mais rápidas e assertivas.

“No dia a dia, as pessoas têm a tendência de tomar decisões com caráter mais subjetivo, baseadas na própria experiência, o que não significa que é sempre um erro. Mas quem tem uma base de dados confiável para analisar, pode obter resultados ainda melhores, encontrando caminhos e soluções que vão além do óbvio”, analisa André Filipe Batista, pós-doutor em Data Science e especialista em inteligência artificial.

*Preciso de  
tudo isso?*

Vivemos em tempos de superprodução de dados. Basta fazer uma busca na internet para encontrar informações e números detalhados sobre qualquer assunto. Tudo o que os quase 5 bilhões de internautas fazem on-line também tem grande potencial para virar dados. A previsão é que, até 2025, haja 175 zettabytes de dados no mundo virtual. Quer ter uma ideia aproximada da magnitude desse número? Pois bem, se essa quantidade de informações

fosse armazenada em DVDs empilhados, ela seria longa o suficiente para dar a volta à Terra 222 vezes. Os dados são da empresa de inteligência de mercado IDC.

Diante de números tão impactantes, você pode estar começando a pensar: preciso ter essa quantidade gigantesca de dados à minha disposição para fazer minha cooperativa funcionar? A resposta é tranquilizadora: provavelmente, não.

“Boa parte das empresas [e as cooperativas se incluem aí] vão viver no mundo de small data, ou seja, trabalharão com poucos conjuntos de dados, e isso não significa que elas não vão tirar proveito disso”, avalia André Filipe. O pós-doutor explica que é assim que se começa e, conforme o uso, as instituições tendem a amadurecer, criando bases de dados cada vez maiores, o que possibilita análises mais profundas.

Para Max Stabile, diretor executivo do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Análise de Dados (Ibpad), a questão não é o tamanho da base a ser trabalhada. “O desafio é se a sua empresa será capaz de registrar cada etapa de seu processo produtivo de uma forma que possa ser visualizada analiticamente”, explica. “O mais complexo é justamente levantar os dados necessários para essas análises, que envolve todos os custos com insumos, funcionários e produtividade. Essa parte da coleta é a mais difícil, na nossa experiência. A maior parte das empresas têm processos, mas elas registram isso de fato?”, questiona.

## Como começar?

Todo o processo de coleta, organização, limpeza e visualização de dados em ferramentas que auxiliam um gestor a tomar decisões é chamado de business intelligence (BI). Segundo os especialistas, o mais difícil de todo o processo é a organização e coleta de dados.

“O primeiro passo de uma consultoria de BI é a organização dos processos do cliente. Muitas vezes, é preciso conversar internamente para que todos os dados se comuniquem: o financeiro, o RH, o comercial”, exemplifica Max Stabile, do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Análise de Dados.

Na visão do executivo, essa é a parte mais difícil da implementação de uma cultura de gestão guiada por dados, mas também é a mais importante. “Ter clareza no seu processo, já faz com que você tenha condições de planejar e questionar se as ações que você vai fazer são melhores ou piores”, explica

A próxima fase é a que Stabile chama de “recorte” ou de visualização. Ela dá ao cliente uma ideia das informações que foram levantadas, com representações visuais em dashboards (painéis de visualização), com gráficos e indicativos, para que seja fácil compreender esses dados.

A análise desses dados é a terceira etapa do projeto de BI — feita a partir das perguntas que precisam ser respondidas para auxiliar na tomada de decisão. Nessa fase, é possível identificar padrões e também pontos fora da curva, que serão usados para desenvolver estratégias e ações que impulsionem o negócio.

“Depois de conseguir visualizar os dados com clareza, os gestores passam a olhar com maior atenção para os dados que estão alinhados com a estratégia e com a redução de riscos do negócios. Para eles, fica mais fácil entender quais variáveis fazem os ponteiros dos resultados mexerem”, explica o pós-doutor André Filipe.

É aí que eles começam a entender a força do BI e passam a querer avançar um pouco na análise de dados, solicitando a construção de sistemas preditivos, ou seja, que ajudem a prever tendências de futuro para o empreendimento e para o mercado com um todo (análises setoriais).

“É natural que o cliente comece a fazer a gestão guiada por dados em dashboards para, em seguida, prosseguir para modelos preditivos, nos quais é possível entender mais sobre os cenários de futuro do negócio”, comemora o acadêmico.

### A GESTÃO DA SUA COOP É HIPPO?

Um dos fenômenos que a gestão guiada por dados previne é o chamado HiPPO — sigla, em inglês, para Highest Paid Person's Opinion (em português, “a opinião da pessoa mais bem paga”). Essa é uma tendência já constatada em diversos setores da economia, inclusive no cooperativismo, que consiste na delegação da tomada de decisão às pessoas com os maiores cargos e salários em uma hierarquia.

O problema é que, normalmente, esses líderes costumam embasar suas decisões em suas próprias convicções ou experiências — o que pode ser extremamente prejudicial em mercados cada vez mais voláteis, competitivos e sujeitos a grandes transformações. Para evitar problemas, o melhor a fazer é investir em ferramentas de BI, capazes de ajudar os gestores HiPPOs a perceber para onde os ventos estão soprando na economia.



## Pioneirismo mineiro

Quando o assunto são dados, o Sistema Ocemg — formado pelo Sindicato e pela Organização das Cooperativas do Estado de Minas Gerais — é referência para o coop brasileiro. Desde 2004, a Unidade Estadual define o seu planejamento estratégico apoiado nas estatísticas trazidas pelo Sistema de Informação Gerencial (SIG) — plataforma com dados cadastrais, econômicos e sociais das cooperativas mineiras.

“Nosso sistema evoluiu muito nos últimos anos. Hoje, já é possível acessar em tempo real os atendimentos disponibilizados às cooperativas ao longo do ano, bem como informações sobre arrecadação e adimplência, em relação às contribuições do sistema cooperativista”, explica Alexandre Gatti, superintendente do Sistema Ocemg.

Ainda segundo Gatti, a análise dessas informações também tem ajudado o Sistema Ocemg a fazer investimentos, direcionar ações de desenvolvimento profissional por ramo ou área, além de elaborar estratégias para aperfeiçoar e alavancar o coop mineiro no mercado.

“Às vezes, uma cooperativa nos demanda um curso relacionado à planejamento orçamentário e essa pode ser uma lacuna da região em que ela está inserida. Os nossos diagnósticos de monitoramento nos permitem identificar outras cooperativas com essa mesma demanda e, assim, fica mais fácil otimizar o recurso e maximizar o atendimento”, explica.

O SIG também permitiu que o Sistema Ocemg verificasse o alcance de seus programas e projetos. “Tivemos a grata surpresa de confirmar que 90% das cooperativas já utilizaram mais de um de nossos serviços este ano, o que demonstra a penetração das atividades e ações do Sistema junto às coops associadas”, avalia.

A gestão guiada por dados do coop mineiro tem ajudado a equipe da Ocemg a compreender a realidade das cooperativas do estado, deixando mais claro para todos quais são as principais necessidades e movimentos do mercado.

E para garantir que os dados estejam sendo corretamente coletados e analisados, buscou-se profissionais com vasto conhecimento na gestão da informação, além de técnicos especialistas em cooperativismo, mercado e TI.

“Investir em um quadro especializado de profissionais que entendam do nosso negócio e, por consequência, das demandas geradas por ele, é um diferencial que permite ao Sistema Ocemg se destacar”, conclui Gatti.

O pós-doutor em Data Science André Filipe concorda e acrescenta: para ser eficiente, um projeto de gestão guiada por dados deve ser baseado em um tripé de profissionais.

O primeiro ponto de apoio é uma pessoa que saiba trabalhar com os dados, normalmente alguém da parte de TI. O segundo é alguém que seja responsável pela análise e validação estatística desses dados, geralmente um estatístico ou economista. O último componente dessa equipe é um profissional que entenda do negócio, dos dados levantados e do motivo de cada informação estar ali.

“Quando a gente junta esses três profissionais para trabalhar, temos tudo o que é preciso para fazer uma ferramenta de BI consistente: o profissional de TI lida com a matéria-prima, que são os dados. O estatístico ou economista sabe olhar de forma estratégica para aquela massa de informações; já o especialista de mercado entende como aquelas informações podem ajudar a alavancar os negócios”, conclui.

Vale destacar: o SIG é também uma das principais fontes de informação do Anuário do Cooperativismo Mineiro, uma radiografia do setor em Minas Gerais. A visualização dos dados está acessível, de forma gratuita e forma atualizada, a todas as pessoas interessadas.

## UM DASHBOARD PARA O COOP

Uma excelente maneira de experimentar uma jornada de tomada de decisão baseada em dados, é acessando o dashboard de Indicadores Econômicos do Sistema OCB. A ferramenta lançada em julho de 2021 oferece, em um só lugar, dados macroeconômicos nacionais e mundiais, que podem ajudar sua coop no processo de tomada de decisão.

“Nosso dashboard organiza, em um mesmo lugar, dados públicos estratégicos, como o índice de inflação, Produto Interno Bruto (PIB), emprego, juros, renda, entre outros. As informações são atualizadas automaticamente, assim que os dados são publicados. Além disso, também é possível acessar projeções e perspectivas dos principais indicadores econômicos”, explica Ana Tereza Libânio, analista de estudos econômicos do Sistema OCB.

Toda cooperativa registrada junto à OCB tem acesso à plataforma, com o mesmo login e senha já usados para se conectar aos demais sistemas da Casa do Cooperativismo. Para garantir a segurança dos dados do cliente, é preciso uma autenticação via QR Code. A ferramenta é didática e segmentada por tópicos, como conjuntura, indicadores regionais, nacionais, com um enfoque especial para os 7 ramos do cooperativismo.

Ana Tereza destaca que o processo de tomada de decisão deve ser subsidiado em duas frentes: nas próprias informações das cooperativas, mas também nas tendências de mercado e cenários econômicos. “As informações servem como bússolas, para decidir o próximo passo, ver se faz sentido o caminho projetado e nada melhor do que os dados para orientar”, explica.

Para auxiliar ainda mais as cooperativas, a OCB também oferece análises econômicas de temas que estão em alta, que podem ser encontradas no Conexão Coop, na parte de **inteligência de mercado**.



Acesse agora o dashboard de Indicadores Econômicos do Sistema OCB.

<https://in.coop.br/dashboard-economico>



## TIRA-DÚVIDAS



**O que é gestão guiada por dados (data driven management)?**

É um modelo de gestão no qual a empresa baseia a tomada de decisão e o planejamento estratégico na coleta e na análise de informações – e não em intuição ou experiências.

Não é, portanto, uma ferramenta, mas uma metodologia que permite às organizações terem uma ideia mais precisa do seu negócio, conferindo a elas uma maior capacidade de aproveitamento de oportunidades e de antecipação de tendências e problemas.

**Quais informações são levadas em conta em uma gestão guiada por dados?**

Os dados a serem analisados por uma empresa orientada por dados costumam ser disponibilizados em ferramentas de inteligência de mercado (BI). Esses sistemas coletam dados de diversas fontes, tanto internas quanto externas. Elas cruzam essas informações de modo a oferecer um panorama mais claro do mercado e da própria organização.

**Quem cuida da montagem e das análises de uma ferramenta de BI?**

É fundamental montar uma equipe multidisciplinar para garantir o sucesso de um projeto guiado por dados. Recomenda-se contratar no mínimo três profissionais: cientista de dados, profissional de tecnologia da informação capaz de coletar e tratar essas informações; um estatístico ou economista, capaz de analisar os dados utilizando as técnicas adequadas; um especialista em mercado, que será encarregado de entender os impactos dessas análises no mercado e nos negócios da sua cooperativa.

**Por que investir em uma gestão guiada por dados?**

Em tempos de economia globalizada e revoluções tecnológicas, é preciso tomar decisões rápidas, assertivas e capazes de escalar os resultados da empresa de forma ágil e eficiente. Não dá mais para confiar apenas na intuição de um líder ou em experiências acumuladas no passado, principalmente em um mundo onde todo mundo tem acesso ilimitado a dados. Nesse novo contexto, o que diferencia um gestor do outro não é o acesso à informação, e sim ter a capacidade de entender o que ela quer dizer.

Para completar, a gestão guiada por dados otimiza o tempo dos gestores, previne erros, reduz custos, e ajuda a identificar padrões e pontos fora da curva capazes de gerar novas oportunidades de negócio. É um atalho seguro para sair da mesmice e enxergar além do óbvio. ■



# Usando dados

## PARA FAZER O BEM



**CONHEÇA A HISTÓRIA DE QUATRO COOPERATIVAS ESTRANGEIRAS QUE ESTÃO TRANSFORMANDO AS EXPERIÊNCIAS PESSOAIS DE SEUS COOPERADOS EM UM PRODUTO VALIOSO E CAPAZ, ATÉ MESMO, DE SALVAR VIDAS**

Por Débora Brito

Inovar e trazer soluções benéficas para a sociedade está na essência do trabalho cooperativista. E um dos setores em que o coop tem dado aula, no mercado internacional, é justamente no gerenciamento e compartilhamento de dados. Quer ver?

Em Nova Iorque, nos Estados Unidos, a Savvy Coop — uma cooperativa de pessoas portadoras de doenças graves — encontrou uma maneira diferente e original de lidar com os dados de seus cooperados. Eles estão compartilhando informações sobre a experiência que têm no enfrentamento de uma doença com institutos de pesquisas e laboratórios que precisam entender melhor a realidade desses pacientes.

De acordo com a fundadora da cooperativa, Jen Horonjeff — ela própria paciente portadora de artrite juvenil, uma doença que afeta as articulações do corpo no período da adolescência — a Savvy Coop foi a primeira cooperativa a atuar sob a perspectiva dos pacientes e não dos médicos, dos hospitais ou da indústria.

A história da Savvy se confunde com a de Jen, que também sobreviveu a um tumor no cérebro e se tornou uma pesquisadora PHD na área de saúde. Depois de ser procurada várias vezes para compartilhar com pesquisadores sua experiência como paciente, Jen teve a ideia de reunir pacientes com diferentes experiências de vida em uma cooperativa. Objetivo? Coletar as vivências de enfrentamento às doenças para compartilhá-las com a comunidade científica e com a sociedade. Assim, o que poderia ser um peso ou mais uma experiência isolada e desconhecida de enfrentamento de uma doença, se transformou em uma grande oportunidade não só de renda, mas de melhora da qualidade de vida desses pacientes.

Por meio de questionários, participação em grupos focais, entrevistas, testes de produtos, entre outras estratégias, a Savvy Coop faz uma ponte entre empresas e pacientes cooperados.

Na página da cooperativa, a fundadora destaca que o grande valor da cooperativa é “permitir que a indústria trabalhe junto com os pacientes” e que a principal missão da coop é “colocar o paciente no centro do desenvolvimento dos tratamentos ou insumos que serão usados por eles mesmos”. A ideia é contribuir para que as inovações em saúde sejam mais inclusivas, diversas e efetivas para os pacientes.

## Interesse mútuo

Dentro da **Savvy Coop**, as histórias de vida dos cooperados são ativos negociados com pesquisadores e empresas de saúde. Funciona assim: uma clínica, um laboratório ou uma indústria entra em contato com a cooperativa e apresenta sua necessidade, que pode ser, por exemplo, uma entrevista de 60 minutos com uma ou mais pacientes diagnosticadas com câncer de mama, para apoiar o desenvolvimento de um medicamento novo para a doença. As demandas são registradas pela coop e apresentadas aos pacientes cooperados.

Se der “match” (interesse mútuo) entre a demanda da indústria e a experiência do paciente, ambos ganham. Os pacientes são pagos por colaborarem respondendo aos questionamentos, por participarem de experimentos ou de algum processo de desenvolvimento de pesquisas e produção de insumos de saúde.

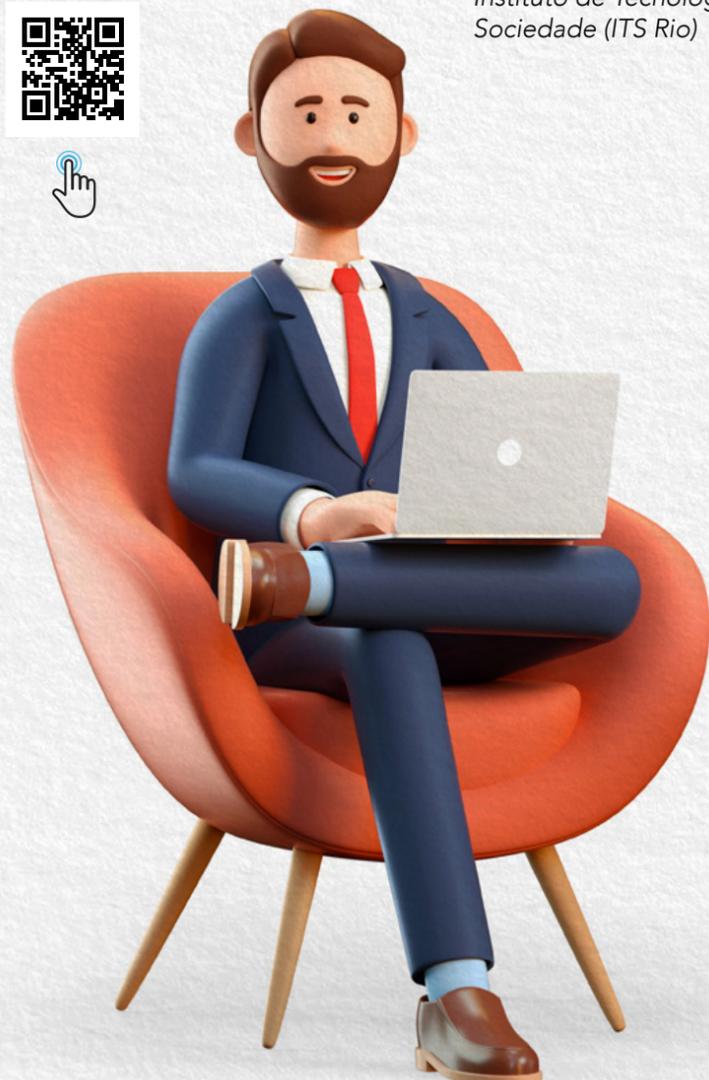
Como cooperados que são, ao final de cada exercício, esses portadores de doença crônica também recebem parte dos resultados obtidos pela Savvy, de forma proporcional à colaboração de cada (sobras). Além disso, têm direito a voto em processos decisórios e contam com uma rede de apoio mútuo que os ajuda a enfrentar suas doenças.

Para a pesquisadora do Instituto de Tecnologia e Sociedade (ITS Rio) Ana Carolina Bonelli esse modelo de compartilhamento de dados é positivo, pois tem a autorização dos usuários e ainda traz valor para os cooperados.

“Quando o dado passa pela gestão da cooperativa, ele passa pelo consentimento, por uma gestão de algoritmos, gerenciamento dos lo-

cais, de criptografia, de identidade de acesso. Se os cooperados acharam por bem compartilhar e serem remunerados por isso, por que não? Esse é outro ponto positivo do cooperativismo, os resultados são repartidos e fatiados”, ressalta Bonelli.

Vale destacar: sobreviventes de doenças graves, cuidadores, acompanhantes de portadores de doenças crônicas e autoimunes, profissionais de saúde também podem ser cooperados e colaborar com seus *insights*. A cooperativa tem ainda um programa de referência que remunera pessoas não membros ou cooperadas. Para ter acesso ao benefício basta indicar pacientes que aceitem participar da coop e queiram compartilhar informações.



## “QUANDO O DADO PASSA PELA GESTÃO DA COOPERATIVA, ELE PASSA PELO CONSENTIMENTO... ESSE É OUTRO PONTO POSITIVO DO COOPERATIVISMO, OS RESULTADOS SÃO REPARTIDOS E FATIADOS.”

Ana Carolina Bonelli,  
pesquisadora do  
Instituto de Tecnologia e  
Sociedade (ITS Rio)



MIDATA



## Dados para a saúde de todos

Com o lema “Meus Dados, Nossa Saúde” a cooperativa suíça **MIDATA** também coleta dados de pacientes com o objetivo de contribuir para pesquisas científicas sobre tratamentos de diferentes doenças. Ao contrário da Savvy, a MIDATA não cobra pelo compartilhamento de informações, portanto, também não remunera as pessoas que aceitam disponibilizar suas experiências no enfrentamento da doença.

A cooperativa desenvolveu uma plataforma que armazena dados de saúde coletados de startups, aplicativos, provedores de tecnologia, grupos de pesquisa, entre outros. O sistema foi desenvolvido pelas universidades suíças ETH Zurich e a de Ciências Aplicadas de Bern.

Na plataforma, ficam armazenadas diversas informações sobre condição de saúde, detalhes de cirurgias, tratamentos, exames, medicamentos, documentos como prontuários médicos, características físicas dos pacientes, entre outros dados.

Os usuários da plataforma podem contribuir ativamente autorizando o uso de seus dados em pesquisas médicas e estudos clínicos. São eles que decidem livremente sobre o uso dessas informações em projetos científicos. E se quiserem podem se tornar membros da cooperativa, condição que dá direito a eles de participar do controle da organização.

Para atender aos requisitos de proteção e segurança, todas as informações “doadas” são criptografa-

das e apenas os usuários com conta têm acesso aos registros por meio de login. A cooperativa ressalta que garante a soberania dos cidadãos sobre a forma como os dados serão utilizados.

“O cooperativismo já tem em sua essência valores como a democracia, liberdade, equidade, solidariedade e justiça social, visando o bem comum. Tendo em vistas que as chamadas ‘Cooperativas de Dados’ são sistemas de gerenciamento de dados que pertencem aos seus membros, eles vão poder decidir a melhor forma de fazer uso destes dados. E o melhor, já o fazem tendo a cultura de governança destes dados para o bem comum e benefício dos cooperados como base”, destaca Fabíola Nader Motta, gerente geral do Sistema OCB.

## Corona science

Fundada em 2015, a MIDATA também oferece serviços de desenvolvimento de aplicativos de saúde, estilo de vida e bem-estar, consultoria sobre questões éticas, apoio no gerenciamento e consentimento do uso de dados e outros.

Mas foi depois da pandemia que cresceu o número de projetos tecnológicos de coletas de dados lançados pela MIDATA, entre eles, o aplicativo “Corona Science”, que permite às pessoas que tiveram Covid-19 informarem sobre sua condição de saúde e os sintomas. Em contrapartida, o usuário tem acesso a várias informações e serviços de suporte.

“Toda essa crise sanitária mundial acelerou muito a necessidade de compartilhar dados de maneira mais responsiva para o bem comum, em busca de soluções para produção de vacinas e outros fins”, completou Ana Carolina Bonelli, pesquisadora do ITS.

A acadêmica cita, ainda, outra cooperativa europeia de saúde que tem feito um trabalho de destaque quando se trata de compartilhamento de dados: a **Salus Coop**.

Criada em 2017 na Espanha, a cooperativa engloba a atuação de diferentes atores para cumprir todo o fluxo de receber as informações dos usuários e de unidades de saúde públicas ou privadas, agregar essas informações e repassá-las de forma estruturada e segura para as empresas e outras instituições interessadas.

A coop desenvolveu um modelo tecnológico para garantir a confidencialidade dos dados, independente da forma como os outros atores tratam ou mantêm os dados.

Em seu manifesto, a *Salus Coop* destaca que não tem fins lucrativos e que busca colaboradores voluntários para contribuir. Também convida as autoridades sanitárias para desenvolver licenças de uso e arquiteturas tecnológicas que incentivam a doação de dados, entre outras iniciativas que possam estimular as pessoas a dividirem informações que sejam úteis para acelerar as pesquisas científicas e o controle de estados de emergência, como a pandemia do coronavírus.



## Mobilidade inteligente e sustentável

Se sua condição de saúde pode fazer diferença na vida de outras pessoas e da sociedade como um todo, informações como os lugares por onde você dirige, os quilômetros rodados por dia e quanto tempo leva para se deslocar de um ponto a outro na cidade também são valiosos para o cooperativismo, o mercado e o poder público.

De olho na possibilidade de contribuir para a tomada de decisões relacionadas à mobilidade urbana, a cooperativa **Driver's Seat** criou um aplicativo para ser utilizado por motoristas de aplicativos de transporte, como o Uber. O app gera uma série de dados sobre as corridas feitas pelo motorista.

As informações são coletadas pela cooperativa e repassadas para órgãos públicos ou centros de pesquisa dados para apoiá-los na tomada de decisões relacionadas à gestão da mobilidade urbana.

O objetivo é melhorar o planejamento da arquitetura das cidades e encontrar soluções para congestionamentos e outros problemas de trânsito e mobilidade. As informações coletadas pelos motoristas são vendidas pela cooperativa, que reverte os ganhos para os próprios condutores.

“A partir do momento que você usa as cidades para o bem público, você cria uma inteligência coletiva urbana e as soluções deixam de ser oferecidas somente pelos governos e passam a ser oferecidas também por startups, por ONGs e outros atores da sociedade que não somente o governo. Então, a gente tem cidadãos mais participativos e colaborativos promovendo a democracia nas cidades”, explica Fabíola Nader Motta, do Sistema OCB.

Driver's Seat



**“A PARTIR DO MOMENTO QUE VOCÊ USA AS CIDADES PARA O BEM PÚBLICO, VOCÊ CRIA UMA INTELIGÊNCIA COLETIVA URBANA E AS SOLUÇÕES DEIXAM DE SER OFERECIDAS SOMENTE PELOS GOVERNOS.”**

Ana Carolina Bonelli,  
pesquisadora do Instituto de Tecnologia e Sociedade (ITS Rio)

## Legados e desafios

O uso de informações pessoais para basear decisões voltadas a mudanças sociais e inovações tecnológicas é uma tendência em ascensão no coop internacional. Ele tem sido muito aplicado na estruturação das Cidades Inteligentes, com o intuito de criar uma inteligência coletiva urbana para resolver problemas públicos. Seu uso vai desde o gerenciamento de tráfego nas cidades até o uso de informações pessoais para promover a saúde da população.

De fato, o trabalho das chamadas cooperativas de dados pode favorecer o fortalecimento de todo o ecossistema de governança de dados e estimular a ampliação da legislação de proteção de dados pessoais e de transparência de dados públicos, por meio de decretos municipais de dados abertos e leis de governo digital.

Mas para que experimente uma expansão mais significativa, esse ramo do cooperativismo ainda precisa atravessar algumas barreiras, como quebrar silos de dados, já que na maioria das vezes as informações não estão centralizadas em um único portal de dados ou não estão padronizadas e formatadas da mesma maneira.

Há ainda o desafio de se adequar a diferentes legislações e de construir uma infraestrutura tecnológica segura e eficiente, além da falta de recursos.

Para superar parte dos desafios, existe a possibilidade de criar uma coordenação de rede e fomentar uma cadeia produtiva de valor por meio do compartilhamento de infraestrutura computacional, de dados e recursos humanos e, principalmente, estabelecer objetivos claros de negócios compartilhados entre os parceiros da cadeia.

Outra alternativa passa pela inteligência de dados, com o desenvolvimento de serviços digitais flexíveis e adaptáveis, permitindo análise constante da interação e do comportamento do usuário com os serviços ofertados.

“Temos grandes desafios para os próximos anos de transformação digital, mas, para quem já possui em sua essência cultural a cooperação, metade do caminho já foi trilhado. A governança de dados de forma ética em *compliance* com as leis vigentes é um dos maiores legados que as cooperativas de dados podem oferecer”, ressalta Fabíola. ■

# Números

## COMPARTILHADOS

### O COOPERATIVISMO FINANCEIRO CONTA COM O APOIO DO FGCOOP PARA ANALISAR DADOS, CLASSIFICAR RISCOS E FAZER UM AMPLO BENCHMARKING DO SETOR

Por Mariana Branco

Só existe uma maneira de se manter competitivo nesse mar de dados que as novas tecnologias da informação disponibilizam diariamente: saber usá-los de forma estratégica e segura. No cooperativismo, o Ramo Crédito é um dos mais ativos e experientes nesse sentido, até devido à necessidade de garantir a segurança dos dados dos cooperados e, ao mesmo tempo, fazer a análise e a classificação de riscos dos produtos e serviços.

Os diferentes sistemas desenvolvem, com primazia, seus próprios bancos de dados, plataformas de autoatendimento, soluções de pagamento e classificação de risco. Mas como segurança nunca é demais, eles ainda contam com o apoio de uma entidade suprasistêmica, de caráter intercooperativo: o Fundo Garantidor do Cooperativismo de Crédito (FGCoop) que, dentre outras atribuições, analisa — com sigilo e imparcialidade — os dados financeiros de 648 singulares captadoras de depósito. Objetivo? Identificar, com antecedência, o risco de uma cooperativa fechar as portas. Assim, é possível atuar preventivamente para evitar que a cooperativa entre em liquidação, ou seja, precise encerrar as atividades por insolvência.

Uma das maneiras de fazer isso é apoiando — sob demanda dos Sistemas — a incorporação dessas singulares por outras maiores e financeiramente mais sólidas. Nos últimos três anos, o FGCoop realizou oito operações de assistência financeira para viabilizar essas incorporações. Elas beneficiaram diretamente 60,4 mil cooperados, que mantiveram sua confiança no cooperativismo financeiro intacta graças, também, a essa atuação preventiva do Fundo.

### Inteligência de mercado

Em janeiro de 2023, o FGCoop lançará um segundo projeto com dados para apoiar as 648 cooperativas captadoras de depósito associadas ao Fundo. Trata-se de um painel de inteligência de mercado (*business intelligence*) que analisará a performance dessas cooperativas tendo como referencial o próprio universo do cooperativismo.

“É um modelo que captura as informações, transforma em indicadores e compara, sempre entre cooperativas do mesmo tamanho”, diz o diretor-executivo do FGCoop, Adriano Ricci. “Temos o modelo de análise de risco desde 2015, mas, nele, a cooperativa não sabe necessariamente como está o mercado. Nesse outro, ela conseguirá saber a sua situação em relação aos pares. Trata-se, portanto, de uma ferramenta de *benchmarking* (análise de mercado)”, observa Ricci.

O novo painel de mercado do Fundo será disponibilizado gratuitamente às cooperativas associadas e deve beneficiar, principalmente, as singulares independentes e de menor porte, que não contam com a mesma estrutura de análise de dados dos sistemas e das centrais de crédito cooperativo.

“Nosso objetivo é municiar as associadas de mais informações para que elas possam inserir, no seu planejamento estratégico, ações que ajudem a melhorar seus indicadores de desempenho”, acrescenta.

## Consolidação

As cooperativas financeiras passam, atualmente, por um momento de consolidação, em que estão fortalecendo sua estrutura de capital. De acordo com Adriano Ricci, do FGCoop, a maioria delas hoje trabalha com dados não apenas com o objetivo de monitorar riscos, o que é inerente à atividade financeira, mas também a fim de melhorar seu desempenho.

“Em todas as cooperativas, ao longo dos últimos anos, melhorou muito o aspecto da governança, *compliance*, controle e gestão. Boa parte desse processo é feito independentemente do FGCoop. Em alguns lugares, a central [cooperativa] faz esse trabalho, em outros, a própria cooperativa tem uma unidade [de análise de dados]. Pelo nível em que vejo as cooperativas hoje, [o uso de dados] não é uma coisa recente”, comenta.

Para Ricci, um dos principais desafios do cooperativismo financeiro, agora, é reforçar a estrutura de capital conquistada e investir na comunicação. “Há dois anos, as cooperativas crescem mais do que os bancos percentualmente, em volume de depósitos, crédito. O principal desafio é continuar crescendo e ser conhecido. Um ponto fundamental é comunicar melhor à sociedade os benefícios de fazer parte de um sistema como esse. Investir em estrutura de capital e em reforço dos indicadores”, avalia.

Ainda segundo o executivo, um ponto positivo em relação à expansão das cooperativas de crédito é que, mesmo com a maior quantidade de agências físicas, elas não deixaram de ampliar a presença digital. “As cooperativas estão crescendo muito fisicamente, na contramão dos bancos, mas não deixam de crescer no digital. O app ou a internet da cooperativa não deixa a dever para nenhum banco”, comemora.

**“AS COOPERATIVAS ESTÃO CRESCENDO MUITO FISICAMENTE, NA CONTRAMÃO DOS BANCOS, MAS NÃO DEIXAM DE CRESCER NO DIGITAL. O APP OU A INTERNET DA COOPERATIVA NÃO DEIXA A DEVER PARA NENHUM BANCO.”**

**Adriano Ricci,**  
diretor-executivo do FGCoop,



**“DAS MAIS DE 800 INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS PARTICIPANTES, A GRANDE MAIORIA SÃO COOPERATIVAS FINANCEIRAS.”**

**Marcio Alexandre,**  
superintendente de Governança de TI e segurança cibernética do Sicoob e representante da OCB no Conselho Deliberativo do Open Finance



## Open finance

Quando se fala em análise de dados no setor bancário, um dos primeiros conceitos que vem à mente é o de *open finance*, ou sistema financeiro aberto. Trata-se de uma iniciativa do Banco Central para padronizar o acesso às informações dos clientes, ou seja, permitir que eles possam acessar as informações que possuem em uma instituição a partir de outra.

Segundo Marcio Alexandre, superintendente de Governança de TI e segurança cibernética do Sicoob e representante da OCB no Conselho Deliberativo do *Open Finance*, a iniciativa acompanha uma tendência mundial de compartilhamento de dados, mas com um escopo mais amplo, ao incluir informações sobre seguros, investimentos e previdência, por exemplo. Por isso, o Banco Central decidiu recentemente alterar o nome do projeto para *open finance*, por se tratar de uma iniciativa que excede os limites dos produtos bancários.

Ele pontua ainda que a iniciativa brasileira já se posiciona como a

maior iniciativa de *open finance* do mundo e já conta com a participação do cooperativismo. “A regulação não exige a participação obrigatória das cooperativas financeiras no *open finance*. No entanto, das mais de 800 instituições financeiras participantes, de forma voluntária ou obrigatória, a grande maioria são cooperativas financeiras”, diz.

O objetivo do *open finance* é estimular a inovação e a concorrência no sistema financeiro. “Antes da implementação desse projeto, um cidadão que procurava uma nova instituição financeira tinha dificuldade em receber uma oferta assertiva à sua necessidade porque esta instituição tinha pouca informação sobre ele. E, dessa forma, as ofertas poderiam não ser competitivas quando comparadas às das instituições com as quais ele possuía relacionamento”, explica Marcio Alexandre.

De acordo com ele, com a chegada do *open finance*, ao buscar uma nova instituição financeira, o cliente pode autorizar o compartilhamento de dados como seu histórico de transações em conta corrente ou cartão de crédito por

um tempo determinado, a fim de que a instituição para a qual está migrando possa conhecê-lo melhor e ofertar um produto em condições de igualdade com os que possuía na instituição anterior.

Nas cooperativas, as primeiras iniciativas construídas sob essa estrutura incluem, por exemplo, soluções disponibilizadas em agências que permitem à cooperativa, quando autorizado expressamente por cada cooperado, conhecer e comparar os produtos e serviços utilizados por ele e identificar oportunidades para ofertar produtos mais adequados.

Outras iniciativas são a associação digital inteligente, que permite à cooperativa aproveitar informações cadastrais do cooperado em outras instituições no momento de sua associação à cooperativa; o agregador de contas, que permite ao cooperado ter a visão completa de sua vida financeira em todas as instituições onde possui relacionamento no seu aplicativo da cooperativa; e a iniciação de pagamento, onde um cooperado pode comandar uma transação de Pix em outra instituição à partir da conta que possui na cooperativa. ■

# 1 TRILHÃO DE oportunidades

**O COOP QUER LEVAR MAIS PROSPERIDADE, TRABALHO E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL PARA O BRASIL. MAS PARA FAZER ISSO, VAMOS CONTAR COM VOCÊ!**

Por Thaís Ciegliniski

**M**udar vidas é uma das especialidades do cooperativismo. Aos 19 anos, Lívia Maria Duarte entrou para a Coopresa — única coop brasileira a prestar serviços de manutenção em aeronaves e componentes de aviação. Ainda muito jovem, ela ingressou na área administrativa em 1998, e se apaixonou pela possibilidade de ajudar aquelas aeronaves a alçarem voo. A paixão foi tanta, que guiou toda a sua carreira. Ela cursou Ciência da Computação, fez especialização em aeronáutica, foi convidada a lecionar na PUC de Minas Gerais e passou uma temporada na iniciativa privada. Mas não teve jeito. O coop falou mais alto. Hoje, aos 44 anos, ela atua como presidente da Coopresa — cargo que assumiu há sete anos.

“O cooperativismo mudou a minha vida, ao me dar a minha primeira oportunidade de trabalho. E ele segue fazendo isso todos os dias, ao me mostrar de diversas maneiras que as pessoas têm de estar sempre em primeiro lugar, ao contrário do que costuma acontecer na iniciativa privada”, elogia Lívia. “O coop é mais humano, mais solidário e mais justo. E ele ainda gera resultados incríveis para as comunidades onde atuam.”

De fato, a Coopresa — assim como tantas outras cooperativas — movimenta a economia local, gerando emprego e renda para a comunidade. Somente um de seus braços de atuação, focado na manutenção aeronáutica de baixa complexidade, movimenta cerca de R\$ 4 milhões por ano. Sem falar que gerou, entre 2019 e 2022, 275 novas oportunidades de trabalho na região..

“O coop faz isso mesmo: ele gera prosperidade por onde passa, na

forma de trabalho, renda, programas de inovação, cursos, projetos sociais, ações de sustentabilidade e investimentos diretos na melhoria das comunidades”, explica Marcio Lopes de Freitas, presidente do Sistema OCB. “É por isso este ano lançamos um desafio para as cooperativas de todo o país: atingir a meta de R\$ 1 trilhão de prosperidade e de 30 milhões de cooperados até 2027.”

Essa cifra de R\$ 1 trilhão, hoje, equivale à soma dos PIBs gerados pelos estados do Rio de Janeiro e Distrito Federal juntos. Recurso suficiente para construir 14 Brasília do zero, já considerando os juros e as correções monetárias dos últimos 60 anos. Tudo isso, revertido em trabalho, renda, oportunidades, negócios e prosperidade não apenas para o coop, mas para todos os brasileiros.

“Chegou a hora de mostrar ao Brasil que o nosso jeito de fazer negócios gera resultados, sim. E resultados muito expressivos. Somos inovadores; somos éticos; trabalhamos com propósito e, além de tudo isso, somos sustentáveis! E é por isso que o coop será decisivo na retomada do crescimento da nossa economia”, finaliza Lopes de Freitas.

**“O COOPERATIVISMO MUDOU A MINHA VIDA, AO ME DAR A MINHA PRIMEIRA OPORTUNIDADE DE TRABALHO... O COOP É MAIS HUMANO, MAIS SOLIDÁRIO E MAIS JUSTO. E ELE AINDA GERA RESULTADOS INCRÍVEIS PARA AS COMUNIDADES ONDE ATUAM.”**

Lívia Maria Duarte,  
presidente da Coopresa





**“O PRC200 FOI UMA INSPIRAÇÃO PARA NÓS. O TRABALHO DE DADOS E PLANEJAMENTO REALIZADO PELO PARANÁ NOS ÚLTIMOS ANOS É UMA REFERÊNCIA PARA TODO O COOPERATIVISMO.”**

**Marcio Lopes de Freitas,**  
presidente do Sistema OCB

*Meta definida a partir de dados*

Ao convidar o coop a gerar R\$ 1 trilhão em prosperidade para o Brasil, nos próximos cinco anos, a equipe do Sistema OCB se baseou em dados. “Nosso time analisou o desempenho histórico do cooperativismo e identificou uma média de crescimento de aproximadamente 26% ao ano, mesmo durante a pandemia”, explica a superintendente do Sistema OCB, Tania Zanella.

A partir daí, foram projetados três cenários econômicos: um otimista, um moderado e um conservador. “Trabalhando em um cenário moderado, no qual ocorra uma recuperação paulatina, porém firme da economia, temos plenas condições de chegar em 2027 com faturamento anual de 1 trilhão de prosperidade para o Brasil. Mas para fazer isso, precisamos do esforço conjunto de todas as cooperativas e também das representações estaduais”, acrescenta Tania.

Antes mesmo do lançamento do desafio do Sistema OCB — que ganhou o nome de BRC 1Tri —, as entidades de representação da região Sul já estavam engajadas em campanhas regionais de promoção do crescimento do cooperativismo. O Sistema Ocepar, do Paraná, foi o pioneiro ao lançar o PRC200 — planejamento estratégico com uma meta ambiciosa: dobrar o faturamento das cooperativas do estado de R\$ 100 bilhões para R\$ 200 bilhões por ano.

“O PRC200 foi uma inspiração para nós”, reconhece Lopes de Freitas. “O trabalho de dados e planejamento realizado, pelo Paraná, nos últimos anos é uma referência para todo o cooperativismo.”

Outra entidade que também já adotou a cultura de definir objetivos para o cooperativismo é o Sistema Ocergs. Por lá, o desafio central é alcançar R\$150 bilhões de faturamento e 4 milhões de associados em cinco anos. O planejamento também busca gerar 100 mil empregos diretos, realizar R\$ 300 milhões de investimentos em capacitação e distribuir R\$7,5 bilhões de sobras líquidas anual.

No lançamento do RSCOOP150, em setembro, o presidente do Sistema Ocergs, Darci Hartmann, destacou a relevância da iniciativa, reforçando que, além de resultados financeiros, as cooperativas têm o poder de gerar desenvolvimento regional integral.

“O modelo cooperativo privilegia o desenvolvimento da comunidade como um todo, pois parte dos resultados e das sobras são reinvestidos em programas socioambientais, gerando riqueza e distribuição de renda para todos.”, afirmou Hartmann “Temos muitos desafios pela frente, mas onde tem cooperativismo pujante, tem desenvolvimento.”

*Potencial para crescer*

Justamente por ter tido a vida transformada pelo coop, a presidente da Coopresa. Lívia Maria Duarte, também é entusiasta do BRC1TRI. “Acredito que o coop brasileiro está maduro e pode ser protagonista no desenvolvimento econômico e social do nosso país”, aposta.

Desde 2015, quando retornou ao coop depois de uma temporada na iniciativa privada, Lílian é testemunha da resiliência e potencial de crescimento do nosso setor.

“Nosso segmento [prestação de serviços para aviação] foi muito afetado pela pandemia, mas não desanimamos. Na baixa, a gente se preparou para a retomada dos voos e, hoje, o cenário oferece muitas oportunidades para os nossos cooperados”, comemora.

Com a reativação dos voos e aumento expressivo das demandas, a Coopresa contratou uma consultoria de melhoria contínua para garantir o crescimento sustentável dos negócios.

“Estamos nos preparando administrativamente e comercialmente para suportar todas as demandas do segmento. A pandemia mostrou a força que o cooperativismo tem. A força de mostrar que, mesmo em tempos difíceis, temos boas ideias, humanidade, capacidade de desenvolver a sociedade ao nosso redor. O cenário pós-pandêmico mostrou para o Brasil e para o mundo a potencialidade da economia solidária, da economia social, que são a base do cooperativismo”, acredita a presidente da Coopresa.



**“A PANDEMIA MOSTROU A FORÇA QUE O COOPERATIVISMO TEM. A FORÇA DE MOSTRAR QUE, MESMO EM TEMPOS DIFÍCEIS, TEMOS BOAS IDEIAS, HUMANIDADE, CAPACIDADE DE DESENVOLVER A SOCIEDADE AO NOSSO REDOR.”**

**Lívia Maria Duarte,**  
presidente da Coopresa



**“TENHO MUITO ORGULHO DE FAZER PARTE DO GRUPO PÓDE MULHERES E DE SER UMA COOPERADA, POIS FOI ATRAVÉS DA COOPERATIVA QUE SURTIU O NOSSO GRUPO E, COM ISSO, NOSSO TRABALHO VEM SENDO RECONHECIDO.”**

**Aline Martins Mauri,**  
é uma das cooperadas responsáveis pela Cafesul

## Crescimento coletivo

Assim como transformou a realidade da presidente da Coopresa, o cooperativismo ajuda a tornar mais próspera a vida de um grupo de mais de 30 agricultoras familiares do Sul do Espírito Santo. A iniciativa partiu da Cooperativa dos Cafeicultores do Sul do Estado do Espírito Santo (Cafesul) e hoje o grupo de mulheres está à frente da produção de cafés especiais, com uma marca própria.

Desde que foi criada, em 2016, a iniciativa mudou a rotina de produção e a vida de muitas famílias do município de Muqui e localidades vizinhas. Aline Martins Ferreira Mauri, 33 anos, é uma das cooperadas responsáveis pela marca.

“Tenho muito orgulho de fazer parte do grupo Póde Mulheres e de ser uma cooperada, pois foi através da cooperativa que surgiu o nosso grupo e, com isso, nosso trabalho vem sendo reconhecido”, conta Aline.

A propaganda do produto detalha a nobreza e qualidade do trabalho: “O café traz aroma delicado, corpo cremoso e finalização prolongada, proporcionando uma experiência única ao saborear este delicioso café conilon especial”.

Casada e com dois filhos, Aline é cooperada há 16 anos. “Unidos como cooperativa temos uma base mais forte, pois o cooperativismo abre várias portas para nós”, atesta.

Fundada em 1998, a Cafesul reúne pequenos produtores de sete municípios da região Sul do estado do Espírito Santo no Brasil para promover o desenvolvimento sustentável das comunidades em que atua.

Desde 2008, a cooperativa participa de um projeto de desenvolvimento regional sustentável para o café na região sul do estado, que envolve vários parceiros e estabelece diversas metas, como a melhoria na assistência técnica e na comercialização, a eliminação de atravessadores para a obtenção de melhores preços para o café; aumento da produtividade das lavouras e da oferta de cafés de qualidade superior. ■

Assista ao vídeo aqui



<https://in.coop.br/BRC1TRI>



# Sua cooperativa JÁ ESTÁ ADAPTADA DE VERDADE À LGPD?

**BOA PARTE DAS COOPS  
AINDA TEM MUITO A FAZER  
PARA SE ENQUADRAR À  
LEGISLAÇÃO DE PROTEÇÃO  
DE DADOS PESSOAIS,  
DENTRO E FORA DA  
INTERNET. LEIA A MATÉRIA  
E DESCUBRA COMO  
RESOLVER O PROBLEMA**



Por Alessandro Mendes

O surgimento da internet permitiu uma troca de informação mais rápida, aproximando pessoas e gerando novas possibilidades no mundo dos negócios. Mas, ao mesmo tempo, trouxe um risco para a segurança das informações pessoais, que muitas vezes ficam disponíveis na rede e, se não houver o devido cuidado, podem acarretar danos de imagem e prejuízos financeiros, entre outros.

**Para prevenir o uso indevido de dados pessoais,** mais de 120 países já aprovaram e colocaram em vigor leis nesse sentido. No Brasil, a Lei nº 13.709/18 – mais conhecida como Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD) — passou a vigorar em setembro de 2020. Desde então, cooperativas, empresas, órgãos de representação, profissionais liberais, órgãos públicos e organizações sem fins lucrativos estão correndo para se adaptar à legislação.

“As cooperativas que atuam em segmentos altamente regulados, como as de saúde, de distribuição de energia e crédito estão mais adiantadas no processo, até pelo fato de já seguirem uma série de normas”, explica Cristhian Groff, encarregado de proteção de dados (DPO) do Sistema OCB. “Mas há um grupo bastante significativo de cooperativas para quem a LGPD ainda não é realidade, mesmo mais de dois anos após a entrada em vigor. Isso a gente percebe nas ações de conscientização, nos eventos. Alguns temas básicos são novidade para muita gente.”

Segundo Groff, muitas cooperativas que pensam estar adequadas à LGPD têm, na verdade, muito ainda a ser ajustado. “Elas têm uma abordagem muito simplista. Pensam que modificar um contrato e fazer mudanças no site já é suficiente. A verdade, no entanto, é que são necessárias uma série de ações de caráter multidisciplinar, que envolvem profissionais da área jurídica, de tecnologia da informação, a organizacional”, aponta o DPO — cargo que, aliás, é uma exigência da LGPD e precisa ser criado em todas as cooperativas que tratam os dados de clientes e cooperados, exceto aquelas de pequeno porte.

*São considerados dados pessoais, de acordo com a LGPD, qualquer informação que possibilite a identificação de uma pessoa física, de forma direta ou indireta, como nome, documentos pessoais, dados bancários, número de cartão de crédito/débito, e-mail, endereço, telefone, gênero, nacionalidade, naturalidade, estado civil, profissão, peso e altura, entre outros.*

## "O DIFERENCIAL DO SITE LGPD NO COOPERATIVISMO ESTÁ NAS INFORMAÇÕES SOBRE PRIVACIDADE E PROTEÇÃO DE DADOS PESSOAIS VOLTADO PARA AS COOPERATIVAS COM OS DEMAIS AGENTES DE TRATAMENTO."

Ana Paula Ramos,  
gerente jurídica  
do Sistema OCB

## Ajuda bem-vinda

As cooperativas podem contar com o apoio do Sistema OCB para realizar as adequações necessárias à LGPD. No portal LGPD no Cooperativismo, você encontra informações gerais sobre a lei, cartilhas, cursos on-line, vídeos explicativos e um passo a passo detalhado para a adequação, composto por cinco etapas: planejamento, mapeamento, avaliação, correção e manutenção/mitigação.

"O diferencial do site LGPD no Cooperativismo está nas informações sobre privacidade e proteção de dados pessoais voltado para as cooperativas com os demais agentes de tratamento", explica a gerente jurídica do Sistema OCB, Ana Paula Ramos. "Buscamos sempre particularizar as orientações e informações para o cooperativismo. Nesse sentido, quinzenalmente, produzimos novos conteúdos focados em atualidades sobre a LGPD ou mesmo para divulgar cartilhas, cursos, vídeos orientativos e outros materiais que elaboramos sobre a lei."

Ciente da importância de se adequar à LGPD, há mais de dois anos o Sistema OCB vem colocando em prática um plano de trabalho com cerca de 520 ações. "São muitos os processos que realizamos com dados pessoais. A identificação

de um visitante é um processo, o registro de um carro no estacionamento é outro, o mesmo vale para a seleção de um colaborador, a gestão de benefícios, a atualização dos dados cadastrais de nossa base de cooperativas e dirigentes, a indicação dos representantes legais de um contrato", exemplifica Ana Paula.

Regras como essa também se aplicam a todas as cooperativas, que deveriam ter um programa de conformidade em relação aos dados. "Dizer que sua coop está adequada a LGPD sem ter uma política que crie diretriz internas é o mesmo que ter um programa de ética ou anticorrupção, sem ter um código de ética", ensina Cris-thian Groff, DPO do Sistema OCB.

Ainda segundo Groff, é preciso enfrentar o tema com dedicação e qualidade. "Não adianta fazer um serviço para inglês ver", argumenta. "Até porque, em algum momento, será necessário evidenciar a conformidade. No caso de uma fiscalização, por exemplo, não dá para dizer 'olha, eu

estou em conformidade'. É preciso comprovar com documentos obrigatórios, como o registro das operações de tratamento de dados, que geralmente é o primeiro a ser cobrado."

Entre as regras estabelecidas pela LGPD estão a prestação de informação, de forma explícita, para as pessoas a respeito de quais atividades serão realizadas com seus dados pessoais; registro das bases legais válidas e regulares, relacionadas a cada uma das atividades, no registro de operações de tratamento de dados pessoais; implementação de medidas de segurança da informação; e limitação do tratamento de dados pessoais ao mínimo necessário para que sejam alcançados os objetivos da atividade, dentre outras.

A fiscalização do cumprimento da LGPD é feita pela Autoridade Nacional de Proteção de Dados (ANPD). Além de implementar e cobrar o cumprimento da lei, a autarquia federal também é responsável por aplicar sanções nos casos de descumprimento da legislação, que podem ir de uma advertência à proibição parcial ou total das atividades.

## A todo vapor

Em algumas cooperativas brasileiras, o trabalho de adequação à LGPD já está bastante adiantado. É o caso, por exemplo, da Creluz, distribuidora de energia elétrica com cerca de 25 mil consumidores em 36 cidades do norte do Rio Grande do Sul. O trabalho começou em 2020, foi realizado em cinco fases e envolveu o mapeamento de cerca de 160 processos.

Na primeira fase, a Creluz estruturou o comitê responsável pelo trabalho e realizou o levantamento inicial, um diagnóstico de desconformidade e um workshop para os colaboradores com abordagens técnica e jurídica. Na sequência, foram definidos o encarregado pelo tratamento de dados pessoais, a política de privacidade, a barra de cookies no portal, o canal de atendimento dos direitos dos titulares e mapeamento dos processos do negócio.

Já a terceira fase contou com a avaliação do organograma dos processos de tratamento de dados pessoais, da estrutura de segurança da informação, das políticas, dos contratos e das bases legais, além da elaboração de relatório de riscos e de planos de ação.

### SAIBA MAIS

Além da disponibilização de informações pelo portal *LGPD no Cooperativismo*, o Sistema OCB também promove eventos de capacitação e atende demandas pontuais de cooperativas interessadas em saber mais sobre a legislação. Também foi criado, em 2021, o Conselho de Proteção de Dados no Cooperativismo (CPDC), que desempenha o papel de orientação e conscientização relacionada à Proteção de Dados Pessoais nas atividades cooperativistas no Brasil.

Acesse o site pelo QrCode  
<https://lgpd.coop.br/>



A quarta fase envolveu compatibilização das bases legais, relatório de atividades de tratamento de dados pessoais, inventário de operadores, adequação do site e criação da política de retenção, descarte e eliminação de dados. Por fim, na quinta etapa, foi elaborada cartilha de proteção de dados e segurança da informação e realizado evento de conscientização de colaboradores com avaliação de conhecimentos.

Durante o processo de adequação, vários desafios precisaram ser vencidos. “O primeiro foi conhecer a fundo a LGPD e outros dispositivos sobre o tema para saber como e onde atuar. E depois estruturar processos de gestão adequados e objetivos, além de conscientizar a força de trabalho da necessidade”, destaca o gerente operacional e encarregado de proteção de dados da Creluz, Fernando Fiorentin.

“Realizamos um trabalho amplo, detalhado e que ainda continua. Para se ter uma ideia, os 160 processos que avaliamos estavam distribuídos nos 26 departamentos da cooperativa”, conta. “Deixar a cooperativa com maior grau de conformidade possível e manter um programa de conformidade vigente, eficiente e eficaz é um desafio que exige a participação e o comprometimento de todos”, completa.

Fiorentin destaca que a adequação à LGPD trouxe diversos benefícios para o dia a dia da Creluz, como a manutenção da credibilidade da marca com os titulares de dados pessoais, capacitação da força de trabalho, busca constante pela melhoria contínua e melhores práticas, simplificação de processos pelo cumprimento da legislação e remoção de fragilidades, deixando a organização mais segura, além de não sofrer penalidades pelo descumprimento da lei.

Outro benefício, cita Fiorentin, foi a melhoria em diversos processos de trabalho. Uma delas envolveu mudanças no uso dos telefones celulares corporativos. “Implantamos uma tecnologia que permite, por exemplo, a localização dos aparelhos por georreferenciamento e impede acesso e instalação de dados sem autorização. Então, se um leitorista perde o telefone lá no interior, quem encontrá-lo não vai conseguir acessar absolutamente nada”, conta.

## CONHEÇA ALGUMAS INFRAÇÕES À LGPD PASSÍVEIS DE APLICAÇÃO DE MULTA E OUTRAS PENALIDADES

- Vazamento e/ou compartilhamento de dados pessoais de forma irregular.
- Manter dados pessoais por mais tempo do que o necessário.
- Não possuir políticas, normas e procedimentos claros sobre a coleta e o tratamento de dados.
- Não manter documentos obrigatórios sobre o uso e coleta de dados.
- Não nomear DPO (profissional responsável pela proteção de dados de uma organização), nas ocasiões em que a nomeação é obrigatória.
- Não treinar os colaboradores sobre o tema.
- Não realizar gestão dos terceiros com quem dados pessoais são compartilhados.
- Não atender às solicitações das pessoas.

**“ALGUMAS INSTITUIÇÕES JÁ TÊM NOS PROCURADO PARA RECEBER ORIENTAÇÕES, ENTÃO ESSE É UM NICHOS DE MERCADO QUE TEM SE ABERTO PARA NÓS, TANTO PARA PALESTRAS QUANTO PARA UMA ASSESSORIA OU CONSULTORIA.”**

**Hélio Alabarse,**  
*presidente da Coopeeb*

*Quem é pequeno também precisa se adequar?*

Outra cooperativa que está em estágio avançado de implantação da LGPD é a Cooperativa de Trabalho Educacional (Coopeeb). A organização foi criada em 2000 para gerir o Colégio Concórdia, em Porto Alegre (RS), que passava por grave crise econômica e corria o risco de ter as atividades encerradas. Diante do risco da perda de seus postos de trabalho, 22 professores e técnicos em atuação da escola se uniram e criaram a cooperativa.

Hoje, além da escola, com cerca de 600 alunos, a Coopeeb também executa o Programa Jovem Aprendiz, em parceria com o Serviço Nacional de Aprendizagem Cooperativa (Sescoop), em 22 cidades gaúchas, além de oferecer cursos para formação de lideranças. A cooperativa conta com cerca de 160 associados.

Segundo o presidente da Coopeeb, Hélio Alabarse, a adequação da cooperativa à LGPD vem sendo realizada desde 2019. “É um trabalho que exigiu várias mudanças no nosso dia a dia, sobretudo porque, na escola, estamos sempre lidando com menores e com informações sensíveis”, aponta. “Antes, por exemplo, se fazia um atendimento a um aluno e a ata poderia ficar em cima da mesa de uma sala destrancada. Agora, existe toda uma preocupação para que isso não ocorra. O documento precisa ser arquivado de imedia-

to. E se isso não for possível, a sala vai ficar trancada. Ou seja, é preciso toda uma mudança de cultura”, completa.

Durante a adequação, foram revisados todos os procedimentos que envolviam o uso de dados pessoais. “Nosso DPO analisou, por exemplo, todos os contratos com terceirizados e com os pais dos alunos e diversas cláusulas relativas à LGPD foram inseridas”, conta Alabarse. “Além disso, todos os nossos cooperados assinam termos de confidencialidade, ou seja, quem sai da cooperativa tem o compromisso e o dever de manter o sigilo das informações”, exemplifica o presidente da Coopeeb.

Hélio Alabarse conta que o processo de ajuste às regras da LGPD fez com o que o Colégio Concórdia tivesse ainda mais atenção ao sigilo e intimidade de alunos e familiares, mesmo em situações não previstas na lei.

“Temos aqui uma sala onde é feita a primeira abordagem quando um aluno está com problema de disciplina ou desestabilizado emocionalmente. Isso é feito em um aquário, com paredes de vidro. E nesse processo a gente se deu conta que todo mundo podia ver quem estava dentro. Então colocamos insulfilm para garantir o sigilo. A LGPD, então, nos ajudou a fazer esse tipo de reflexão. É nossa obrigação manter o aluno protegido”, aponta.

Segundo Alabarse, um dos próximos passos da Coopeeb será capacitar outras cooperativas para a adequação à LGPD. “Algumas instituições já têm nos procurado para receber orientações, então esse é um nicho de mercado que tem se aberto para nós, tanto para palestras quanto para uma assessoria ou consultoria”, conta.



## Novo nicho no mercado

Onde existem desafios, também existem muitas oportunidades de fazer negócio. Ciente da alta demanda do coop por consultorias em LGPD, um grupo de 14 profissionais se uniu para fundar, em 2022, a Cooperativa de Trabalho dos Profissionais de Privacidade e Proteção de Dados (Cooprodados) — primeira cooperativa a atuar na área de privacidade e proteção de dados, de forma on-line, em todo o País.

A organização trabalha com a implantação de programas de adequação à LGPD, promove treinamentos e workshops de sensibilização para a cultura de dados e também executa, sob demanda, serviços de DPO. “Podemos contribuir no mais variado leque de ações necessárias para criar uma governança de dados eficiente, tanto em cooperativas quanto em empresas”, destaca a presidente da Cooprodados, Sylvia Urquieta.

A ideia de criar a cooperativa surgiu da necessidade de buscar espaço no mercado. “Eu comecei a notar que muitos profissionais reclamavam da falta de oportunidade de trabalho. Tanto o trabalho dentro das empresas quanto a possibilidade de integrar um projeto de adequação”, conta Sylvia. “Aí me ocorreu de unir forças. Fiz a proposta a várias pessoas, que compraram a ideia. Ficamos cerca de dois anos debatendo como seria a cooperativa, porque era uma proposta inédita. E até hoje estamos nos ajustando, buscando novas soluções”, afirma.

Sylvia ressalta que um dos principais benefícios para as cooperativas que se adequam à LGPD é um diferencial competitivo. “Já existe a exigência, sobretudo nos Estados Unidos e na União Europeia, de que empresas e cooperativas parceiras estejam em conformidade com a lei de proteção de dados. Mais do que apenas uma vantagem competitiva, é uma demanda que, se não atendida, pode inviabilizar uma parceria comercial. E é melhor se adequar pelo amor do que pela dor”, aponta.

Um dos primeiros clientes da Cooprodados é a Federação das Cooperativas Educacionais do Rio Grande do Sul (Fecoeduc). Dez cooperativas associadas, entre elas a Coopeeb, estão recebendo apoio para estar em conformidade com a LGPD. “Temos cerca de seis meses de existência, então este é nosso primeiro grande trabalho. Vem sendo uma experiência importante para nós, inclusive para a nossa própria adaptação à lei de proteção de dados”, finaliza Sylvia.

## ALERTA VERMELHO

Quando há vazamento de dados em uma empresa ou cooperativas, as consequências podem ser bastante graves. Além do claro prejuízo para o cliente que teve sua informação pessoal divulgada, a própria empresa pode enfrentar processos judiciais e ter sua imagem prejudicada junto a clientes e fornecedores.

Um dos casos mais conhecidos de vazamento de informações é o do Facebook. Em 2018, dados de 30 milhões a 87 milhões de usuários da rede social foram vazados e utilizados pela Cambridge Analytica para influenciar a opinião de eleitores em vários países, entre eles o Brasil, a Índia e os Estados Unidos.

O evento motivou uma discussão pública sobre normas éticas para empresas de mídias sociais, organizações de consultoria política e políticos. O escândalo fez com que o Facebook perdesse, em um único dia, US\$ 35 bilhões em valor de mercado na Bolsa de Valores de Nova York. Além disso, o movimento #DeleteFacebook chegou aos assuntos mais falados do Twitter. O caso foi, inclusive, retratado no documentário *The Great Hack*, exibido pela Netflix.

Outro caso de vazamento de informações ocorreu também em 2018 com a Netshoes. Uma falha de segurança comprometeu dados pessoais de quase 2 milhões de clientes, entre eles nome, CPF, e-mail e histórico de compras. A empresa acabou condenada a pagar R\$ 500 mil em indenizações por danos morais.

Ainda no Brasil, outra situação de grande repercussão foi com o Banco Inter. A instituição financeira vazou informações pessoais de cerca de 19 mil correntistas. A empresa acabou multada em R\$ 1 milhão e os recursos foram destinados a instituições de caridade e organizações de combate a crimes cibernéticos.



# PASSO A PASSO PARA SE ADEQUAR À LGPD

## 1. Planejar

Nomeie um grupo de pessoas da cooperativa para ser responsável por buscar informações sobre a LGPD. Com base nessas informações preliminares, é necessário definir quem será o encarregado de dados pessoais (DPO) da cooperativa. Esse profissional pode ser alguém que já trabalha na organização ou um novo profissional, que será contratado no mercado. Logo em seguida, defina um cronograma indicando todas as fases do projeto de adaptação à LGPD, descrevendo os objetivos e os procedimentos de cada etapa. “Também nessa fase inicial, é importante que a cooperativa inicie ações de conscientização de colaboradores, porque logo nas fases seguintes todos terão que se envolver no projeto”, aponta o DPO do Sistema OCB. “É preciso o comprometimento de todos para que o processo dê certo.”

## 2. Mapear

Faça um mapeamento dos processos que envolvam o uso de dados de pessoas físicas, além dos controles de segurança da informação já implementados. “O ideal é que isso seja feito com base em modelos internacionais de boas práticas nessa área, como, por exemplo, a ISO 27.001, que traz um rol de vários controles para que uma organização tenha maturidade, segurança e gestão adequada da informação”, afirma Groff.

## 3. Avaliar

Após o mapeamento, a próxima etapa é a avaliação. É preciso analisar todos os processos sobre as perspectivas organizacional, jurídica e da segurança da informação. E então identificar o que precisa ser feito em cada um deles para se adequar às exigências da LGPD. Na área organizacional, por exemplo, algumas adequações podem ser a padronização de procedimentos e a identificação de compartilhamentos feitos com terceiros que são desnecessários.

“Nessa etapa é importante ver exatamente isso, se todos os compartilhamentos de informações com outras áreas e também com fornecedores precisam realmente ser feitos. Se o processo puder ser realizado com menos pessoas, menos gente vai lidar com as informações, o que reduz o risco”, aponta Groff.

Já na área jurídica, é preciso avaliar qual é a base legal que justifica a coleta e o tratamento de dados pessoais em cada um dos processos (veja quadro). “Também é importante analisar os contratos com prestadores de serviço externos que tenham acesso aos dados pessoais sob responsabilidade da cooperativa. E para que tudo funcione adequadamente, é preciso impor que esses terceirizados também cumpram à risca a LGPD. Porque se elas não cumprem quem paga é a cooperativa. E essa imposição começa nos ajustes contratuais”, afirma Groff.

No campo da segurança da informação, é preciso analisar se medidas básicas estão sendo implementadas. “É ver, por exemplo, se há soluções de criptografia para proteger dados pessoais, se há uma limitação de acesso adequada às informações, se todos os processos atendem requisitos de segurança”, enumera.

## 4. Corrigir

Com a avaliação finalizada, é hora de corrigir as inconsistências foram detectadas e implementar medidas estruturais, como a Política Interna de Privacidade e Proteção de Dados Pessoais e normas de retenção e descarte de dados pessoais, entre outras, além de medidas específicas necessárias, como limitação de compartilhamento de dados pessoais com fornecedores, limitação da coleta de dados pessoais desnecessários para alcançar a finalidade dos processos, implementação de ajustes específicos em sistemas e sites e descontinuação de processos sem base legal legítima, entre várias outras.

## 5. Mitigar e manter

O último passo é a consolidação das correções realizadas e das políticas, normas e procedimentos estabelecidos. Nesta etapa, as cooperativas devem incorporar todas as diretrizes nas novas atividades que passarem a realizar, considerando que, naquelas já mapeadas e corrigidas, tais diretrizes já estarão contempladas.

Também é importante manter uma auditoria contínua para os controles necessários para a manutenção da conformidade. É importante ficar claro que a adequação à LGPD é um trabalho constante, que exige ajustes e atualizações sempre que necessários.

## 10 BASES LEGAIS PARA A COLETA DE DADOS

1. Consentimento
2. Cumprimento de obrigação legal ou regulatória
3. Realização de estudos por órgão de pesquisa
4. Execução de contratos ou diligência pré-contratual
5. Exercício regular de direitos
6. Proteção da vida
7. Tutela da saúde
8. Proteção do crédito
9. Legítimo interesse
10. Execução de políticas pela administração pública ■



Para saber mais sobre o passo-a-passo da adequação à LGPD, acesse o site no QRCode [www.lgpd.somocooperativismo.coop.br](http://www.lgpd.somocooperativismo.coop.br)

# Cooperativismo

## CONTINUA FORTE E BEM REPRESENTADO NO CONGRESSO NACIONAL

**80% DO NÚCLEO DURO DA FRENCOP FOI REELEITO PARA 2023. DOS 227 NOVOS DEPUTADOS, PELO MENOS 30 JÁ FIRMARAM COMPROMISSO COM A DEFESA DA PAUTA COOPERATIVISTA. NO SENADO, DOIS NOMES IMPORTANTES: TEREZA CRISTINA (MS) E EFRAIM FILHO (PFB)**

Por Paulo Victor Chagas

O cooperativismo brasileiro saiu vitorioso das urnas em outubro de 2022. A atuação de parlamentares comprometidos com o setor, no Congresso Nacional, foi aprovada pelos eleitores. Tanto, que oito em cada dez parlamentares da atual diretoria da Frente Parlamentar do Cooperativismo (Frencoop) foram reeleitos. Além disso, pelo menos três dezenas de novos deputados e senadores que já se engajavam com as pautas cooperativistas em diversos estados e municípios tomarão posse em janeiro de 2023.

“O índice de renovação dos parlamentares da Câmara dos Deputados [próximo dos 40%] configura uma oportunidade de receber novos entusiastas do cooperativismo”, avalia o deputado federal Evair de Melo (ES), presidente da Frencop. “Cerca de 30 deles, inclusive, já assinaram o compromisso de atuar em defesa do movimento cooperativista e devem assumir posições estratégicas, pró-medidas legislativas favoráveis ao coop durante seus mandatos”.

A gerente de Relações Institucionais do Sistema OCB, Clara Maffia, também está animada com a força que o coop terá no novo Congresso Nacional, que tomará posse em 2023. “Além de manter

nossa representatividade na Câmara, o núcleo duro da Frencoop ganhou dois reforços de peso no Senado, com a eleição de Tereza Cristina (MS) e Efraim Filho (PB)”, comemora.

Clara revela que o Sistema OCB está preparando um extenso cronograma de agendas, reuniões, ações estratégicas e entrega de propostas sobre o cooperativismo aos diversos *stakeholders* (agentes-chave, em livre tradução) dos Três Poderes.

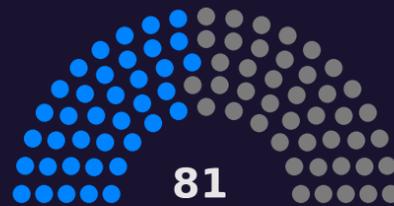
“Será um momento importante em que usaremos nossos materiais para reapresentar o cooperativismo como uma plataforma de desenvolvimento aos Poderes Executivo e Legislativo, e queremos colocar o coop, novamente, na pauta prioritária do governo, especialmente no Poder Executivo”, salienta Maffia.

Já no início da nova legislatura, o Sistema OCB e a Frencoop farão um trabalho específico na Câmara e no Senado para apresentar a importância do cooperativismo aos novos parlamentares. “Muitos já estão conosco, mas esperamos conquistar ainda mais apoio para o nosso movimento que, sem dúvida, continuará sendo um dos grandes protagonistas do desenvolvimento econômico e social do Brasil”, prevê Evair de Melo.

## COOPERATIVISMO FORTE NO CONGRESSO



**268**  
Deputados



**38**  
Senadores

**80%**

dos parlamentares que fazem parte do núcleo da Frencoop foram vitoriosos nas eleições das duas Casas

A expectativa é de que pelo menos 30 novos deputados e senadores eleitos reforcem a base da Frencoop, após assumirem compromisso com a defesa do cooperativismo no Congresso durante as campanhas eleitorais.

## PRINCIPAIS DEMANDAS DO SETOR NO CONGRESSO NACIONAL E NO EXECUTIVO



### ATO COOPERATIVO

Impedir a duplicidade de tributação das cooperativas e dos cooperados por meio de um adequado tratamento tributário. Conquista pode ser garantida em um dos textos que trata da Reforma Tributária - PEC 110/2019 -, que está no Senado.



### TELECOMUNICAÇÕES

Obter segurança jurídica para que as cooperativas possam prestar serviços de telecomunicações a mais de 11 milhões de domicílios que atualmente não possuem o serviço. O Projeto de Lei 8.824/2017 foi aprovado na Câmara e aguarda aprovação no Senado, sob o número PL 1303/2022.



### CRÉDITO RURAL

Continuar garantindo o financiamento das atividades do produtor rural por meio do Sistema Nacional de Crédito Rural. A manutenção dos recursos no Plano Safra 2023/2024 é prioridade para o cooperativismo, cuja relevância no setor agropecuário cresce a cada ano.



### SEGUROS

Ampliar a possibilidade de atuação do cooperativismo no setor de seguros. Atuação junto ao Ministério da Economia e à Superintendência de Seguros Privados (Susep) em prol de avanços legais e regulatórios no tema, além de garantir a aprovação do Projeto de Lei Complementar 519/2018, que aguarda votação no plenário da Câmara.



### RECUPERAÇÃO JUDICIAL

Assegurar que as sociedades cooperativas possam utilizar procedimentos adequados de reorganização cooperativa. Essa proteção às peculiaridades das cooperativas está prevista no Projeto de Lei 815/2022, que se encontra na Câmara.



### LICITAÇÕES

Permitir que as cooperativas de trabalho possam participar de contratações públicas, reconhecendo-as como modelo de negócio sustentável e capazes de contribuir nessa seara. Diferentes frentes lidam com o desafio, como um grupo de trabalho jurídico do Sistema OCB e a realização de agendas institucionais junto aos Três Poderes.

*O que podemos fazer pelo Brasil?*

A valorização e o reconhecimento do trabalho dos deputados federais e senadores contaram com um importante aliado neste ano: o Programa de Educação Política para o Cooperativismo. O objetivo era desafiador: fazer chegar aos membros das mais de 4.880 cooperativas brasileiras a mensagem de que todo cidadão deve se envolver nas pautas importantes para o cooperativismo, incluindo a chancela ou reprovação, pelo voto, do trabalho de cada agente público em prol do setor. E a meta foi alcançada com sucesso (veja quadro 2).

A gerente de Relações Institucionais do Sistema OCB relata que o programa foi desenvolvido de forma robusta e contou com ampla participação de todas as entidades do Sistema OCB. "Tivemos sucesso nessa empreitada de falar do cooperativismo e trazer o setor como pauta para reflexão individual de cada eleitor. Em geral, as pessoas preferem se distanciar da política no Brasil. E todo o mote do nosso programa era para demonstrar que não tem sentido se distanciar. A gente precisa participar porque as decisões serão tomadas, com ou sem a nossa participação", explica Clara Maffia.

Dividido em cinco eixos, o programa fomentou a participação dos cidadãos no processo eleitoral de maneira suprapartidária, mediante esclarecimentos, capacitação para multiplicadores, formas de engajamento e mobilização, vídeos e informações sobre doação a candidatos, dentre muitos outros materiais.

Um dos pilares foi a construção do documento *Propostas para um Brasil Mais Cooperativo*, entregue aos quatro candidatos presidenciais mais bem posicionados ao longo da campanha deste ano e a centenas de cooperativas de todo o Brasil. A publicação contém cinco eixos estratégicos, 22 propostas e dezenas de subtemas que dialogam com as demandas do setor e o colocam o coop como protagonista de uma mudança — que já está em curso no Brasil — no que diz respeito à nova economia, sustentabilidade e construção de cidades mais prósperas, resultando em benefícios para toda a sociedade.

## PROGRAMA DE EDUCAÇÃO POLÍTICA EM NÚMEROS

**18 mil**

acessos ao site [eleicoes2022.coop.br](http://eleicoes2022.coop.br)

**+15 mil**

pessoas em eventos presenciais do Programa em todo o país

**9,3 mil**

visualizações da série Cooperativismo e Eleições 2022 no YouTube do Sistema OCB

**7,6 mil**

aproveitamentos em 1.052 rádios comerciais, comunitárias e educativas das 32 matérias jornalísticas distribuídas

**+160**

encontros com lideranças cooperativistas e/ou com candidatos

Acesse o site Cooperativismo e Eleições 2022 [www.eleicoes2022.coop.br](http://www.eleicoes2022.coop.br)



Confira o documento *Propostas para um Brasil mais Cooperativo* [in.coop.br/propostas\\_coop](http://in.coop.br/propostas_coop)



# Perspectivas

## PARA O NOVO QUADRO DA FRENGCOOP

Nome	Cargo atual	Candidato(a)	Situação
 Evair de Melo Presidente PP (ES)	Deputado Federal	Deputado Federal	👍 Eleito
 Domingos Sávio Vice-presidente- Câmara PL (MG)	Deputado Federal	Deputado Federal	👍 Eleito
 Luís Carlos Heinze Vice-presidente- Senado PP (RS)	Senador	Governador	🗳️ Não eleito (retorna ao Senado)
 Sergio Souza Secretário-Geral MDB (PR)	Deputado Federal	Deputado Federal	👍 Eleito
 Hugo Leal Coordenador Institucional PSD (RJ)	Deputado Federal	Deputado Federal	👍 Eleito
 Efraim Filho Coordenador Jurídico União Brasil (PB)	Deputado Federal	Senador	👍 Eleito
 Alceu Moreira Coordenador de Assuntos Econômicos MDB (RS)	Deputado Federal	Deputado Federal	👍 Eleito
 Hélder Salomão Coordenador de Assuntos Sociais PT (ES)	Deputado Federal	Deputado Federal	👍 Eleito
 Leandre Coordenadora de Atenção à Saúde e Promoção Social PSD (PR)	Deputada Federal	Deputada Federal	👍 Eleita
 Baleia Rossi Coordenador de Comunicação MDB (SP)	Deputado Federal	Deputado Federal	👍 Eleito

Nome	Cargo atual	Candidato(a)	Situação
 Capitão Wagner Coordenador de Inclusão Produtiva União Brasil (CE)	Deputado Federal	Governador	🗳️ Não eleito
 Zé Vitor Coordenador de Infraestrutura e Logística PL (MG)	Deputado Federal	Deputado Federal	👍 Eleito
 Zé Silva Coordenador do Meio Ambiente Solidariedade (MG)	Deputado Federal	Deputado Federal	👍 Eleito
 Aline Sleutjes Coordenadora de Relações Exteriores Pros (PR)	Deputada Federal	Senadora	🗳️ Não eleita
 Heitor Schuchi Coordenador Sindical PSB (RS)	Deputado Federal	Deputado Federal	👍 Eleito
 Pedro Lupion Coordenador de Tecnologia e Inovação PP (PR)	Deputado Federal	Deputado Federal	👍 Eleito
 Luiz Nishimori Coordenador de Defesa Agropecuária PSD (PR)	Deputado Federal	Deputado Federal	👍 Eleito
 Lasier Martins Coordenador Tributário Podemos (RS)	Senador	Deputado Federal	🗳️ Não eleito
 Tereza Cristina Representante do Ramo Agropecuário PP (MS)	Deputada Federal	Senadora	👍 Eleita
 Covatti Filho Representante do Ramo Consumo PP (RS)	Deputado Federal	Deputado Federal	👍 Eleito
 Arnaldo Jardim Representante do Ramo Crédito Cidadania (SP)	Deputado Federal	Deputado Federal	👍 Eleito
 Dagoberto Nogueira Representante do Ramo Infraestrutura PSDB (MS)	Deputado Federal	Deputado Federal	👍 Eleito
 Nelsinho Trad Representante do Ramo Saúde PSD (MS)	Senador	Não disputou	Continua no Senado
 Giovani Cherini Representante do Ramo Trabalho, Produção de Bens e Serviços PL (RS)	Deputado Federal	Deputado Federal	👍 Eleito
 Celso Maldaner Representante do Ramo Transporte MDB (SC)	Deputado Federal	Senador	🗳️ Não eleito

# UM NOVO MERCADO PARA AS *cooperativas brasileiras*

**CRÉDITOS DE CARBONO SÃO *COMMODITIES* SUSTENTÁVEIS, COM POTENCIAL PARA GERAR ATÉ US\$ 120 BILHÕES EM RECEITAS SOMENTE NO BRASIL. E O COOPERATIVISMO JÁ OPERA, COM SUCESSO NESSAS NEGOCIAÇÕES**

Por Luana Lourenço

Nenhuma crise assusta o cooperativismo! Nosso jeito diferente de fazer negócios nasceu durante uma crise de desemprego, na Inglaterra, e desde então provou ter resiliência para crescer em tempos turbulentos, como a crise econômica global de 2008 e a pandemia de Covid-19, em 2020. Agora, neste exato momento, o coop enfrenta um novo momento desafiador: a emergência climática provocada pelo aquecimento global. É o momento de olhar para os impactos ambientais das nossas atividades, sim, mas também de mostrar ao mundo que somos parte da solução, e não do problema.

As cooperativas do Brasil e do mundo têm um imenso potencial para “descarbonizar a economia”, garantindo um futuro mais justo e ambientalmente seguro para as próximas gerações. Uma das maneiras de fazer isso é assumindo a liderança do chamado mercado de carbono, em que a redução de emissões de gases de efeito estufa é quantificada e transformada em um ativo negociado no mercado internacional.

Um crédito de carbono corresponde a uma tonelada de dióxido de carbono (CO<sub>2</sub>) que deixou de ser emitida na atmosfera. O preço é volátil e, em 2022, cada crédito chegou a ser negociado a US\$ 10. Existe um mercado internacional regulado — em que países negociam créditos para cumprir suas metas obrigatórias de redução de emissões — e um voluntário, onde atua o setor privado.

Até 2030, o Brasil pode gerar até US\$ 120 bilhões de receitas em cré-

ditos de carbono e atender a 48,7% da demanda mundial do mercado voluntário por esses ativos. A projeção está em um estudo da consultoria WayCarbon e da Câmara de Comércio Internacional (ICC Brasil), e considera o preço de US\$ 100 por tonelada de CO<sub>2</sub>, valor estipulado pela *Taskforce on Scaling Voluntary Carbon Markets (TSVCM)* em um cenário otimista. “Hoje, o Brasil atende a cerca de 12% da demanda global no mercado voluntário, percentual quatro vezes maior do que em 2019”, compara a gerente-geral de consultoria da WayCarbon, Laura Albuquerque.

O imenso potencial do Brasil nesse mercado está diretamente ligado à agropecuária, à produção de energias renováveis e à preservação e recuperação de florestas, atividades com grande capacidade de geração de créditos de carbono. E o cooperativismo está em todas elas, principalmente no Ramo Agro, em que somos responsáveis por 51% da produção nacional.

“Agora, temos um desafio de informação e escala para colocar o cooperativismo como protagonista no mercado de carbono. A maior parte das cooperativas agropecuárias já utiliza tecnologias de agricultura de baixo carbono, por exemplo, e têm entre seus cooperados um potencial enorme quando se fala das florestas das matas nativas de Reserva Legal e Áreas de Preservação Permanente (APP). Os processos produtivos, dentro do coop, já estão realizando esse sequestro de carbono. O que precisamos, agora, é de informação e apoio para que as cooperativas consigam mensurar isso com os protocolos adequados”, explica o coordenador de Meio Ambiente e Energia do Sistema OCB, Marco Morato.

## Entenda o mercado de créditos de carbono

O mercado de carbono surgiu para dar valor financeiro à redução de emissões de gases de efeito estufa e transformar o dióxido de carbono (CO<sub>2</sub>) que deixou de ser emitido na atmosfera em um ativo que pode ser negociado no mercado internacional entre governos e pelo setor privado.

O mecanismo foi criado com o Protocolo de Kyoto, que determina metas de redução de emissões de gases de efeito estufa pelos países ricos. Como os países em desenvolvimento não tinham metas obrigatórias, poderiam transformar suas ações de mitigação em créditos para serem vendidos para quem precisasse compensar suas emissões.

A ideia foi viabilizada por meio do Mecanismo do Desenvolvimento Limpo (MDL), em que os créditos de carbono são validados pela própria ONU e por entidades nacionais, como a Comissão Interministerial de Mudança Global do Clima, no caso do Brasil.

Paralelamente ao mercado regulado, ligado às metas obrigatórias de Kyoto, surgiu um mercado voluntário em que empresas, instituições financeiras, ONGs e outros agentes também negociam créditos de carbono oriundos de reduções voluntárias de emissões.

Em 2015, com a atualização dos compromissos globais com a crise climática no Acordo de Paris, todos os países — ricos e em desenvolvimento — passaram a ter metas obrigatórias de redução, as chamadas Contribuições Nacionalmente Determinadas (NDC). A mudança deu um novo impulso para a criação de um mercado regulado global de carbono, com participação de governos e empresas, e metas estabelecidas para diferentes setores, cujas regras seguem em definição.

## Negociando carbono

Algumas cooperativas brasileiras estão atuando, com sucesso, no mercado de carbono e essas experiências têm sido apresentadas como exemplos em uma jornada de informação promovida pelo Sistema OCB Brasil afora. Uma delas é a Coprel, maior cooperativa de eletrificação em extensão de redes do país, com sede no Rio Grande do Sul.

“Geramos energia limpa e renovável desde 1991, com a implantação da CGH [Central de Geração Hidrelétrica] Pinheirinho, em Ibirubá (RS). A entrada no mercado de crédito de carbono ocorreu em 2009, inicialmente como um complemento da receita, com o objetivo de melhorar a rentabilidade dos investimentos”, conta o facilitador de novos negócios da coop, Mateus Stefanello.

Após o crescimento da agenda ESG, a Coprel passou a olhar para o mercado de crédito de carbono com outros olhos. “Projetos de geração de energia renovável, principalmente em virtude do baixo impacto ambiental, pela criação de áreas de preservação permanente, hoje são um diferencial importante no mercado, além de gerar renda e desenvolvimento econômico regional durante e após a implantação dos empreendimentos”, completa.

No caso da geração de energias renováveis, os créditos de carbono são emitidos a partir do cálculo de quanto CO<sub>2</sub> deixou de ser lançado na atmosfera com a produção de energia limpa no lugar de fontes não renováveis e alta-

mente emissoras, como as usinas termelétricas a gás ou carvão, por exemplo. As unidades geradoras têm de estar alinhadas com políticas de baixa emissão de gases de efeito estufa, ser construídas de acordo com a regulamentação e passar por auditorias até serem consideradas aptas para a geração dos créditos.

Na Coprel, o cálculo considera que cada Megawatt-hora (MWh) produzido por três pequenas centrais hidrelétricas — Engenheiro Ernesto Jorge Dreher e Engenheiro Henrique Kotzian, no Rio Grande do Sul, e Rio do Sapo, em Mato Grosso — e despachado para o Sistema Interligado Nacional (SIN) evita o maior acionamento de termelétricas. A partir de um fator de emissão definido pelo SIN, é possível chegar à quantidade de CO<sub>2</sub> que deixou de ser emitido por cada MWh limpo produzido pela coop, resultando nos créditos disponíveis para comercialização.

Desde a entrada nesse mercado, a Coprel já emitiu e vendeu cerca de 500 mil créditos de carbono, que geraram receitas entre R\$ 3 milhões e R\$ 4 milhões, além de abrir novas oportunidades no mercado internacional, segundo o facilitador de negócios da coop.

“A Coprel vende os seus créditos de carbono por diversas formas, sendo as mais usuais os contratos bilaterais de compra e venda, e por meio da plataforma Go Climate Neutral Now, das Nações Unidas”, explica Stefanello. Ele destaca que a cooperativa está implantando duas outras pequenas centrais hidrelétricas (PCH) que aumentarão os créditos de carbono que poderão ser negociados no mercado.

## Potencial do café

Com o ramo de Infraestrutura, o setor agropecuário reúne o maior potencial de geração de crédito de carbono entre as cooperativas brasileiras. Neste último, além do eventual benefício financeiro, reduzir e compensar as emissões de gases de efeito estufa também aumenta a produtividade e a competitividade de quem produz. Sem falar que o compromisso com a sustentabilidade pode determinar a própria sobrevivência das lavouras, diretamente impactadas pelos eventos climáticos decorrentes do aquecimento global.

A cafeicultura brasileira, por exemplo, tem sofrido cada vez mais com as mudanças da temperatura e do regime de chuvas. Diante desse cenário, aumentou a relevância do debate climático para a Cooperativa Regional de Cafeicultores em Guaxupé (Cooxupé), uma coop mineira de 17 mil pequenos produtores reconhecida internacionalmente por sua produção sustentável.

“Os efeitos das mudanças climáticas nos últimos anos foram muito evidentes. Nós tivemos secas, períodos de chuva diferentes dos normais; então, não há um equilíbrio como era antes e isso interfere diretamente na produção”, avalia o gerente e ESG da Cooxupé, Alexandre Monteiro.

Na visão de Monteiro, é responsabilidade de todos tomar providências para evitar o aquecimento global. “A cafeicultura permite isso: a redução da emissão de carbono na atmosfera”, pondera. De fato, um estudo do Conselho dos Exportadores de Café do Brasil (Cecafé) — do qual a Cooxupé fez parte — demonstrou que a cafeicultura é uma cultura “carbono negativo”, ou seja, estoca mais carbono do que emite. E quando se trata de lavouras sustentáveis, o balanço é ainda mais negativo, garantindo a adicionalidade necessária para gerar créditos para o mercado de carbono.

De acordo com a pesquisa, na produção cafeicultora conservacionista, com boas práticas de manejo agrícola, há um balanço negativo de 10,5 toneladas de CO<sub>2</sub> por hectare ao ano. A Cooxupé agora está justamente trabalhando no inventário de carbono das lavouras de seus cooperados para levantar o potencial de créditos de carbono que poderá comercializar — o que, segundo Monteiro, ocorrerá no médio prazo.

“Estamos trabalhando com universidades e especialistas de renome internacional no assunto para nos orientar sobre como atingir esse objetivo. Quando tivermos a definição do nosso balanço de carbono vamos procurar parceiros para monetizar esses créditos. Mas é importante destacar que nossa grande preocupação em relação ao carbono não é ter créditos para vender, é evitar o aquecimento global”, pondera o gerente.

## Autoavaliação

No Paraná, a Integrada Cooperativa Agroindustrial aposta no sequestro de carbono para viabilizar sua entrada no mercado de carbono. A preparação dos 11 mil cooperados para um futuro de baixo carbono é um dos eixos da agenda de sustentabilidade da coop, que atua nos mercados de soja, milho, trigo, café e laranja.

Este ano, a Integrada lançou o projeto Propriedades Sustentáveis, que inclui uma parceria com a Federação do Plantio Direto na Palha. Nesse tipo de manejo, a semeadura é feita na palha da cultura anterior, sem a necessidade de queimar a área nem de revolvimento do solo, reduzindo a liberação de CO<sub>2</sub> na atmosfera. A incorporação da matéria orgânica ao solo também mantém a umidade e beneficia a nutrição das plantas, gerando impactos positivos na produtividade.

“Com o apoio da Federação, faremos a aplicação de um *checklist* para que o produtor consiga se autoavaliar e caminhar com maior segurança em relação às boas práticas que visam o sequestro de carbono efetivamente”, explica a coordenadora de Sustentabilidade da cooperativa, Ana Lúcia Almeida Maia.

Ainda segundo Ana Lúcia, além do possível retorno financeiro no futuro, os investimentos na produção de baixo carbono já têm reflexos na atuação da cooperativa pelo reconhecimento das ações por parte de clientes, fornecedores e instituições financeiras, o que garante acesso a mercados e financiamento diferenciado.

## Necessidade de investimentos

Segundo a gerente da consultoria WayCarbon, Laura Albuquerque, o potencial de geração de créditos de carbono do setor agropecuário brasileiro varia entre 10 e 90 milhões de toneladas de CO2.

“Para isso, o foco dos investimentos deve ser em sistemas integrados de lavoura e pecuária (ILP); lavoura, pecuária e florestas (ILPF); agricultura de baixo carbono com atenção voltada, principalmente, para a fixação do nitrogênio e plantio direto. Além de intensificação da pecuária bovina de corte, que inclui recuperação de pastagens degradadas, a adubação de pastagens extensivas e o confinamento”, lista.

De acordo com a especialista, o aproveitamento desse potencial do Agro esbarra em desafios como a complexidade da medição do carbono para geração dos créditos, feita por meio de metodologias registradas, etapa essencial para a apuração do volume a ser negociado; a alta complexidade da regulação fundiária brasileira, que dificulta a obtenção do Cadastro Ambiental Rural (CAR) e outros documentos exigidos para entrada no mercado de carbono; a comprovação de adicionalidade (garantia de que o projeto tenha impacto ambiental positivo, e não apenas cumpra obrigações legais de preservação); e o longo período de tempo entre a intenção de geração dos créditos e a efetiva implementação dos projetos.

Além disso, o custo pode ser um limitante para os projetos, principalmente para os pequenos produtores.

“Os custos vinculados ao processo de certificação demandam um volume grande de crédito de carbono que compense o investimento de implementação do projeto — o que, na maioria das vezes, é mais viável para grandes empresas com disponibilidade de capital para tal investimento”, pondera Laura.

Segundo a WayCarbon, os custos fixos de validação, registros e verificação de um projeto de crédito de carbono no mercado voluntário estão na ordem de US\$ 80 mil, o equivalente a R\$ 400 mil.



**“O DESAFIO É UNIR COOPERATIVAS PARA QUE A GENTE TENHA PROJETOS ROBUSTOS PARA CONSEGUIR ACESSAR O MERCADO.”**

**Marco Morato,**  
coordenador de Meio Ambiente e Energia do Sistema OCB

## Capacitação e suporte

Ciente desses desafios e, principalmente, das oportunidades desse mercado para as cooperativas brasileiras, o Sistema OCB está atuando em duas frentes: informação e escala, segundo o coordenador de Meio Ambiente e Energia do Sistema OCB, Marco Morato.

“O primeiro passo é nivelar o conhecimento em todo o cooperativismo, compartilhar informação. Essa preparação tem o intuito de criar esse conhecimento para facilitar a entrada das cooperativas nesse mercado”, explica.

Ao longo de 2022, a Casa do Cooperativismo promoveu uma série de eventos para estimular a troca de experiências entre cooperativas que estão em diferentes graus de atuação no mercado de carbono, com a participação de pesquisadores, consultores e outros agentes ligados ao setor.

Para o próximo ano, está sendo preparada uma jornada de capacitação das para os sistemas estaduais e o lançamento de uma ferramenta para ajudar as cooperativas a contabilizar suas emissões de gases de efeito estufa — primeiro passo do processo para entrar no mercado de carbono.

“Queremos facilitar a inserção das cooperativas. Além de informações, vamos oferecer essa ferramenta para auxiliá-las a fazer esse inventário de gases de efeito estufa de suas unidades e de seus cooperados. Possivelmente, essa ferramenta estará disponível em 2024”, adianta Morato.

Em outra frente, para garantir que os projetos cooperativistas tenham a escala necessária para entrar no mercado de carbono, o Sistema OCB trabalha em uma estratégia de reunir coops em uma mesma iniciativa, numa espécie de consórcio de projetos.

“O desafio é unir cooperativas para que a gente tenha projetos robustos para conseguir acessar o mercado. Por exemplo, há várias cooperativas trabalhando com reaproveitamento de dejetos de suínos, resíduos de frigorífico que geram biogás, ou seja, transformando um passivo ambiental em energia renovável. E isso já tem metodologia (de certificação de créditos), já está quantificando, a gente só precisa alcançar essa escala, e isso poderá ser feito com esses projetos guarda-chuva”, explica o coordenador de Meio Ambiente da OCB.

## Acordo de Paris

O avanço na regulamentação do mercado de carbono em nível global e nacional deve ampliar as oportunidades de participação do cooperativismo. No âmbito mundial, novas regras estão previstas no art. 6º do Acordo de Paris, e dependem da definição sobre sistemas de contabilidade, registro e verificação e outras etapas burocráticas para a implementação de um novo mercado global, tanto o regulado quanto o voluntário, o que deve ocorrer a partir de 2024.

No Brasil, o mecanismo é regulamentado atualmente pelo Decreto 11.075, publicado em maio de 2022, que estabelece as bases para um mercado de carbono regulado no país, com base nas metas nacionais de redução de emissões e dos compromissos assumidos no Acordo de Paris até 2050.

## #OCoopNaCOP27

Em uma nova rodada de negociações para encontrar saídas para frear o aumento da temperatura do planeta, 193 países que formam a Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima se reuniram em Sharm el-Sheikh, no Egito, para sua 27ª Conferência das Partes, a COP27.

Em meio ao cenário de recessão global pós-pandemia e da incerteza energética na Europa por causa da guerra entre Rússia e Ucrânia, a COP27 teve um papel ainda mais relevante na definição de como os países irão engajar esforços políticos e, principalmente, recursos financeiros no combate ao aquecimento global e seus impactos.

“A COP deixou de ser um evento apenas de governos e do setor público para ser uma grande demanda da sociedade civil. O debate sobre o clima é a agenda da ONU que mais chega às pessoas, se alastrou amplamente em todo o mundo porque se trata de como a humanidade pode ser prejudicada pela falta de controle com o cuidado com o meio ambiente”, explica o coordenador de Relações Internacionais do Sistema OCB, João Martins.

Para as cooperativas brasileiras, a COP27 foi uma vitrine perfeita para mostrar experiências sustentáveis que confirmam o potencial do setor para ajudar a descarbonizar a economia, aliando desenvolvimento econômico e inclusão social.

“Essa é nossa expertise no cooperativismo: promover comunidades sustentáveis, com crescimento inclusivo e que respeitem o meio ambiente. Nosso objetivo na COP foi mostrar como nossas cooperativas têm atuado voluntariamente para cuidar das suas comunidades e seus cooperados, buscar competitividade para seus negócios e, ao mesmo tempo, zelando pelas metas do meio ambiente”, lista Martins.

### CASES DE SUCESSO



Em parceria com o Ministério do Meio Ambiente, o Sistema OCB apresentou experiências de quatro cooperativas brasileiras reconhecidas por práticas sustentáveis: a Coopercitrus, com foco na produção de energia limpa e restauração florestal; a Cocamar, que destaca a integração lavoura-pecuária-floresta para produção sustentável; a CCPR, com um case de produção de energia limpa no agronegócio; e a Coplana, com modelos de logística reversa e reflorestamento.

A normativa estabelece os procedimentos para a elaboração de Planos Setoriais de Mitigação e institui o Sistema Nacional de Redução de Emissões de Gases de Efeito Estufa, que estão em fase de elaboração pelo governo. Nessa nova configuração, o mercado regulado e o mercado voluntário funcionarão juntos, e as cooperativas poderão participar com seus projetos nas duas instâncias.

“O decreto organiza um futuro mercado de carbono no Brasil. O mais importante agora para as cooperativas é entender os processos para fazer o inventário de carbono. Primeiro, precisamos fazer as contas, depois a gente se preocupa como e para quem a gente vai vender. Vamos inventariar esse carbono que está sendo gerado pelo cooperativismo, deixar isso transparente e depois alocar isso nos mercados”, lista Marco Morato, do Sistema OCB.

Segundo Laura Albuquerque, da WayCarbon, a segurança jurídica é fundamental para o crescimento e consolidação do mercado de carbono no Brasil, principalmente para estimular a entrada de mais atores, o que inclui as coops. “Se o mercado estiver amparado por uma lei, há um entendimento melhor sobre o que fazer, qual o rumo, as metas e os limites de cada setor. O decreto é ótimo, é um primeiro passo para regulamentação do mercado, mas uma lei é essencial para a condução e evolução do Brasil nesse mercado”, pondera.



Assista a live pelo QRCode



Além de dar visibilidade ao trabalho das coops, a participação do sistema cooperativista na Conferência do Clima rendeu outros frutos para as cooperativas brasileiras: parcerias estratégicas com organismos da ONU e organizações cooperativistas de outros países, além da abertura de novos mercados. Segundo Martins, o evento ajudou a mostrar ao mundo que o coop é “uma nova marca do Brasil” — conectada a mercados cada vez mais exigentes quanto à rastreabilidade e à pegada de carbono dos produtos.

A agenda de prioridades do cooperativismo brasileiro na COP27 inclui a regulamentação do mercado de carbono, o combate ao desmatamento e a captação de recursos internacionais para fomentar atividades sustentáveis desenvolvidas por nossas coops.

Para o presidente do Sistema OCB, Marcio Lopes de Freitas, o coop brasileiro precisa buscar investimentos para multiplicar as ações desenvolvidas pelas cooperativas para conter as mudanças climáticas. “Cabe a nós dialogar com os países membros da

COP27 para colocar as cooperativas na pauta dos negociadores, que vão falar do tema da captação de recursos, do financiamento, do investimento verde. Por exemplo, temos um projeto de cooperação com as cooperativas alemãs que fomenta a organização de cooperativas de energias renováveis no Brasil, fotovoltaica e outras.”

Lopes de Freitas acredita que, com a captação de recursos internacionais destinados a investimentos nesse tipo de negócios, seja possível multiplicar rapidamente esse modelo de recompensa de projetos sustentáveis no Brasil.

Com o olhar para o futuro, o Sistema OCB já prepara a estratégia para a próxima Conferência do Clima, em Dubai, em 2023, em que deve ampliar a presença de coops brasileiras.

“Conhecendo a dinâmica da conferência e quais resultados queremos alcançar, já estamos discutindo uma participação mais robusta. À medida que o tema se torna cada vez mais importante internacionalmente também cresce a nossa responsabilidade de representar e defender o movimento cooperativista. Para as próximas COPs, devemos estar ainda mais engajados nesse debate”, conclui o presidente do Sistema OCB. ■

Manifesto Cooperando com o Futuro



Confira os cases apresentados na COP27



cooperacaoambiental.coop.br



# O homem QUE EXPORTOU O BRASIL

**DONO DE UM RISO FÁCIL E DE UMA FALA LIGEIRA, ROBERTO RODRIGUES ENCONTROU UM TEMPINHO NA AGENDA PARA CONTAR QUE A VIDA TEM, SIM, UM SENTIDO. E VOCÊ VAI DESCOBRIR QUAL É, EM UM BATE-PAPO QUE REVELA UM POUCO DA HISTÓRIA DESTE COLECIONADOR DE CAUSOS, CARGOS E PRÊMIOS**

Por Flávia Duarte

“**M**inha querida, quem tem interesse em um velho de 80 anos? Bobagem! Acho que você vai perder seu tempo. Eu detesto falar de mim.”

Assim, Roberto Rodrigues começa a entrevista. Cheio de modéstia e com simpatia de sobra. Falar sobre si mesmo, para ele, soa como vaidade, por isso, resiste. Passado um tempo, ele ri de si mesmo e cede. “Vamos lá. Quem sabe você consegue me arrancar alguma coisa”. E ri de novo.

Roberto é daquelas pessoas de riso fácil e sonoro. Chama os conhecidos pelo diminutivo do nome e transforma o primeiro contato em uma confortável amizade de tempos. Faz jus à fama de ser muito bem-humorado, uma ótima companhia e um excelente contador de histórias. “Eu não me considero simpático. Seria cabotino dizer isso. Acho que sou alegre, e a alegria de viver é sempre uma felicidade.”

- Mas, se perguntarem, como você definiria a felicidade?

- Para mim, a felicidade é um canto do passarinho, que você escuta, mas não põe na gaiola. Então, ele canta quando quer, não quando você quer. A partir daí, decidi o seguinte: a felicidade não é uma estação, mas a viagem pela vida. É um trem que corre sobre dois trilhos, do amor e da justiça. Eu juntei esses dois círculos virtuosos, procurando ser feliz.

É por isso que tanta gente quer conhecê-lo, ainda que o próprio desconheça o motivo da curiosidade alheia. Ele inspira. “Uma vez, o Roberto me pediu para substituí-lo em uma aula na Universidade de Jaboticabal, porque

estava viajando e não chegaria a tempo. Sabe o que os alunos queriam? Saber como era o Roberto fora da sala de aula. Foi uma conversa de, mais ou menos, duas horas”, conta o amigo e colega de trabalho José Roberto Ricken, atual presidente do Sistema Ocepar.

Impossível mesmo não se interessar pela trajetória deste cidadão de Guariba (SP), que ficou conhecido em todo mundo por seu trabalho como líder cooperativista e por ter sido um dos maiores responsáveis pela internacionalização do cooperativismo brasileiro, lá nos anos 1980.

Tamanho reconhecimento está exposto no escritório em sua fazenda. “É quase um “museu”, como ele mesmo define. São centenas de medalhas, troféus, mais de mil diplomas em homenagem a décadas de trabalho dedicados ao crescimento do cooperativismo e ao fortalecimento da agricultura nacional. Aqui e lá fora. São honrarias recebidas pelos cargos que já passou. E são inúmeros.





## Sócrates

Rodrigues foi professor da Universidade de São Paulo (USP) e da Universidade Estadual Paulista (Unesp). Passou 34 anos dentro de sala de aula, mas depois dos 70 anos o mestre foi obrigado a se aposentar. “Foi uma aposentadoria expulsória”, brinca.

Ensinando, ele conta que descobriu o sentido da vida. Ainda moço, se questionou: “O que estamos fazendo nesta Terra?”. Leu, perguntou, procurou e continuou sem saber. Investigou nos livros, tentou entender os filósofos, quis saber o que pensava um pescador. “Se nem Sócrates descobriu, imagina se um agrônomo de Guariba vai saber explicar qual o sentido da vida...”

Mesmo assim, escolheu a definição que melhor lhe convinha. Como crê em Deus, entendeu que a vida é um presente divino e, como tal, era sua obrigação dar sentido à sorte de estar vivo. Descobriu que ser feliz não se trata de dividir bens, onde cada um levaria apenas uma metade. O segredo de ser feliz, para ele, seria compar-

tilhar o conhecimento e ter como resultado o dobro de sabedoria. “Se eu te ensinar tudo o que sei e você me ensinar o que sabe, ficaremos bem maiores. Foi quando tive a convicção de que estamos aqui para aprender e para ensinar, fazendo o mundo melhor”, conclui.

Roberto passou, então, a cumprir o que entendeu ser uma missão. Foi aprender. Foi ensinar. Na lista de desafios assumidos ao longo da vida, acrescenta-se que foi presidente do Conselho Superior do Agronegócio da Fiesp – Cosag; da Sociedade Rural Brasileira; da Associação Brasileira do Agronegócio; da Academia Nacional de Agricultura. Em 1985, assumiu a presidência da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), onde permaneceu por dois mandatos.

Também ocupou o mais alto posto da Organização Internacional de Cooperativas Agrícolas e, em 1997, alcançou um feito jamais conquistado por um brasileiro: foi o primeiro presidente não-europeu da Aliança Cooperativa Internacional (ACI). “Sou ‘ex’ tanta coisa”, faz mais uma piada e ainda acrescenta ser “ex-marido” duas vezes.

No início dos anos 1990, Roberto também foi Secretário de Agri-

cultura do Estado de São Paulo. Em 2003, Roberto foi nomeado Ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento e, por três anos, teve o desafio, entre outros, de trazer visibilidade para a agricultura nacional.

“Naquela época, o agro no Brasil era quase um atraso. Roberto foi o grande idealizador do seguro rural, da defesa sanitária e da certificação de origem do produto. Nada disso existia. Para o nosso setor, ele é um líder mundial”, destaca José Roberto Ricken, que esteve ao lado do ex-ministro durante dois anos desta jornada.

**“SE EU TE ENSINAR TUDO O QUE SEI E VOCÊ ME ENSINAR O QUE SABE, FICAREMOS BEM MAIORES. FOI QUANDO TIVE A CONVICÇÃO DE QUE ESTAMOS AQUI PARA APRENDER E PARA ENSINAR, FAZENDO O MUNDO MELHOR.”**

## Ritmo acelerado

Roberto fala rápido. Tão ligeiro como o próprio pensamento. Tanta velocidade que, por vezes, as palavras se atropelam. É o mesmo ritmo com que toca a vida. Gosta de correr quando é motorista. A irmã Anita Rodrigues conta que ao percorrer o trecho que vai de São Paulo rumo a Guariba, ele avisa: “Estou sobrevoando Campinas”, tão rápido conduz. Ele voa. Os filhos já sugeriram ao pai que contratasse um motorista. “Eu não! Eu gosto de dirigir”, protesta.

Ele é inquieto. “A cabeça sempre a mil”, descreve Anita. Roberto não nega que gosta da intensidade. Trabalha todos os dias. Quase o dia inteiro. Dá duas ou três palestras por semana. Participa de 16 conselhos. É autor de 10 livros. O último, mostra na estante que fica atrás da cadeira onde está sentado, foi lançado em agosto deste ano. “Segue a tropa” traz um compilado de artigos com reflexões importantes sobre economia e o agronegócio.

Só para por volta das 23h da noite, “quando já não quero mais trabalhar”, acomoda-se no sofá de casa e lê algumas páginas de Guimarães Rosa. *Grande Sertão Verdades* é uma de suas obras favoritas. Bastam duas ou três páginas para satisfazer o que este agricultor define como “prazer intelectual”. Depois, é hora de fazer palavras cruzadas. Sessenta minutos delas, diariamente.

Três vezes por semana, Roberto faz exercícios com uma *personal trainer*. Nos fins de semana, gosta de receber amigos em casa. Uma vez por mês, deixa a capital paulista para visitar uma das fazendas

da família, hoje, administradas pelos filhos. A saúde está em dia e a disposição, farta. “Quando eu estava prestes a completar 80 anos, pensava: ‘vai ser complicado, né?’. Estarei muito velho’. Até que completei e vi que não foi tão difícil assim. Agora, quero chegar aos 100.”

E teve comemoração para celebrar as oito décadas bem vividas. Entre os convidados, a família e muitos amigos. Alguns, pertencentes à famosa confraria do “F65”, da turma de formandos de engenharia agrônoma, de 1965, em Piracicaba. Aliás, Roberto gosta de festas. A irmã entrega que ele é apreciador de tango.

Também adora cantar. E diz que canta bem. “Mas só ao vivo”, se nega a dar uma palhinha. Como dorme pouco, conta que sempre teve fama de boêmio. “O Iris Rezende (ex-ministro da agricultura – 1986/1990) dizia que eu era dois em um: bom para o dia e bom para a noite”, dá uma gargalhada.

**“QUANDO EU ESTAVA PRESTES A COMPLETAR 80 ANOS, PENSAVA: ‘VAI SER COMPLICADO, NÉ?’. ESTAREI MUITO VELHO’. ATÉ QUE COMPLETEI E VI QUE NÃO FOI TÃO DIFÍCIL ASSIM. AGORA, QUERO CHEGAR AOS 100.”**



## Compartilhando aplausos

"Muito amigo", "agregador", "solidário", são predicados repetidas vezes atribuídos a Roberto. "Ele busca o bem comum e, por isso, consegue juntar pessoas em torno de ideais. É um coração de uma generosidade muito grande, sempre disposto a ajudar", descreve Jacyr Costa, presidente do Conselho Superior do Agronegócio (Cosag - Fiesp).

Prova disso foi quando um amigo de longa data teve um câncer. Anita, a irmã dele, conta que Roberto organizou uma escala entre todos os colegas do mesmo grupo para que o então paciente nunca estivesse só, sem receber uma mensagem de apoio ou uma palavra de afeto. Até o dia em que a cura chegou.

Roberto é conhecido por gostar de compartilhar aplausos. Dispensa plateia exclusiva. "Além de te ensinar as coisas pela visão dele, ele te desafia, te estimula, te eleva a moral. Ele comemora quando temos avanços e contribui para o reconhecimento do outro, para o trabalho coletivo", reforça Ricken.

Roberto não ocupa palco solo. Talvez seja esta a razão de ter liderado e mobilizado quase 30 entidades e empresas do agronegócio para indicar o nome do ex-ministro Alysson Paolinelli ao Prêmio Nobel da Paz. Um dos fundadores da Embrapa, Polinelli também é considerado o responsável pela revolução agrícola tropical no Brasil e criou horizontes para a autossuficiência de alimentos no país e também para a segurança alimentar mundial. O nome dele não foi escolhido, mas a iniciativa de Rodrigues fez com que "a memória dele ficasse viva e fosse reconhecida perante toda a sociedade brasileira", considera Jacyr Costa, do Cosag.



## Vocação é herança

Filho de Antônio José Rodrigues Filho, Roberto cresceu em fazenda produtora de cana-de-açúcar. Seu Antônio foi um grande líder cooperativista, fundador da OCB. Foi presidente de lá, como o filho seria anos depois. Antônio também foi prefeito de Guariba, vice-governador de São Paulo e Secretário de Agricultura do Estado. Roberto seguiu os passos do pai. O único da família. Uma das irmãs morreu precocemente. A outra, Anita, hoje com 77 anos, estudou letras, mas se realizou mesmo como artesã.

Roberto tocou desde muito jovem os negócios da família. Ele tinha 30 anos quando foi trabalhar na

**"SEMPRE DIGO QUE MEUS FILHOS SÃO A PROVA DE QUE DARWIN TINHA RAZÃO: AS ESPÉCIES EVOLUEM. ELES SÃO MUITO MELHORES DO QUE EU."**

cooperativa fundada pelo pai. A sede era uma "sala com dois funcionários". Logo, queria incrementar os projetos e fundou a primeira cooperativa de crédito rural de Guariba. Algo inédito naqueles tempos. "A situação econômica era complicada naquele período. Eu queria mexer com crédito para liberar a agricultura do crédito dos bancos. Eu falava: 'quero caminhar com as minhas próprias pernas'."

Nos anos 1980, Roberto Rodrigues lutou para a expansão das cooperativas de crédito pelo país e liderou, como presidente da OCB, um comitê jurídico que propôs a inclusão do cooperativismo na Constituição de 1988. Foram mais de 350 cartas recebidas de cooperativas de todo Brasil. A equipe de Roberto compilou as prioridades a serem apresentadas à Assembleia Nacional Constituinte e que seriam defendidas pela Frente Parlamentar Cooperativista que ele ajudou a criar.

Assim, surgia uma nova constituição com maiores garantias às cooperativas. Elas estavam livres do poder do Estado. Antes, era preciso ter uma autorização de funcionamento para abrir as portas de uma. Mas o inciso 18 do Art.5º documento deixou claro, a

partir de então, que "a criação de associações e, na forma da lei, a de cooperativas independem de autorização, sendo vedada a interferência estatal em seu funcionamento". "Além disso, o Estado passava a apoiar e a incentivar o cooperativismo, bem como a autorizar a criação das cooperativas de crédito." Era mais uma vitória do grupo encabeçado por Rodrigues.

Quando o patriarca ficou doente, transferiu o negócio para os filhos. Roberto se tornou o administrador geral da fazenda. Com o tempo, somaram quatro propriedades, produtoras de cana e de soja, principalmente. Até que foi Roberto quem ficou enfermo. Um câncer, há 25 anos, chegou para lembrá-lo da finitude da vida. "Eu não tinha essa informação de que a vida acaba. Foi quando também decidi doar tudo para meus filhos."

Pai de quatro filhos, hoje, são eles que tocam a produção. Roberto preside um Conselho Familiar que se reúne periodicamente para avaliar resultados e pensar em futuras ações. Tem dado certo. "Sempre digo que meus filhos são a prova de que Darwin tinha razão: as espécies evoluem. Eles são muito melhores do que eu."



## De guariba para o mundo

O mundo conhece o agricultor de Guariba como o cooperativista que abriu as portas do exterior para o Brasil. E também aquele que trouxe o estrangeiro para ser apresentado ao, até naquele momento, inexpressivo Brasil. Nas viagens a trabalho, o agrônomo levava na mala conceitos de variedade, volume, competitividade, eficiência e potencial de crescimento da produção brasileira. “Meu discurso era: ‘vamos crescer muito mais, e vocês vão se dar bem com a gente. Eu mostrava o nosso mapa, que éramos maiores do que a Europa inteira, mas ninguém sabia disso.’”

Tudo começou em 1985, quando Roberto assumiu a presidência da OCB e, conseqüentemente, a vice-presidência da Organização das Cooperativas da América (OCA). No cenário de competitividade internacional, figurava um tímido Brasil.

“Éramos desconhecidos. Achavam que aqui só tinha jacaré, futebol e cobra”, diz. Uma injustiça para um país gigante e que já contava com a presença de cooperativas agrícolas em crescimento, especialmente aquelas voltadas à produção de café e de soja.

Visionário, ele viu a oportunidade de transformar o país em vitrine lá fora. Começou a viajar pelas Américas e a divulgar nossa produção e nossas cooperativas. Conheceria todo o continente americano não fosse o fato de não ter passado por Belize. Quando convidado a presidir a ACI, reforçou a presença do Brasil nos eventos internacionais do resto do mapa. Fez contatos com lideranças mundiais. Falou do nosso potencial de crescimento em português, francês, italiano e espanhol.

Nos anos 1990, este líder mostrou que aqui também se produziam carne, frango, soja, algodão. Ao mesmo tempo, convidou delegações de outros países para conhecer o trabalho de cooperativas em São Paulo, em Goiás e no Sul. As portas foram se

**“ÉRAMOS DESCONHECIDOS. ACHAVAM QUE AQUI [NO BRASIL] SÓ TINHA JACARÉ, FUTEBOL E COBRA (...) DE REPENTE, ENTRAMOS COM O ALGODÃO, FRUTA, FUMO, CARNE. NÃO FIZ NADA SOZINHO, NINGUÉM FAZ, MAS EU AJUDEI A ABRIR AS PORTAS DO BRASIL PARA O MUNDO.”**



abrindo e o cooperativismo brasileiro, ganhando espaço.

Roberto rodou o mundo fortalecendo o nome do Brasil. Visitou cooperativas de crédito na França, na Holanda, na Inglaterra, no Japão, no Canadá, nos Estados Unidos e importou alguns modelos para cá. Uma interação que mostrou o Brasil agro para o mundo e abriu o Brasil para investir em outros segmentos.

Em 16 anos, Roberto esteve em 79 países. Nessas andanças, conheceu presidentes, bispos, cardeais e até rainhas.

- A rainha Elizabeth, da Inglaterra, também?
- Ela não, mas a Silvia, rainha da Suécia, eu conheci.

Conquistas que ele conta com orgulho. “Nós não éramos nada fora daqui. Sabiam que a gente exportava café e açúcar. E só. De repente, entramos com o algodão, fruta, fumo, carne. Não fiz nada sozinho, ninguém faz, mas eu ajudei a abrir as portas do Brasil para o mundo”, conclui. “Mas ainda acho que o Brasil pode ser o campeão mundial da segurança alimentar. Temos uma agricultura espetacular, sustentável e evoluída. Não haverá paz enquanto houver fome”, defende.

## Outros vôos

Peregrino, Roberto nem pensa em parar. Para o próximo ano, já está de malas prontas. A nova meta é fazer três viagens internacionais por ano. No roteiro, um país que não conhece e dois que deseja revistar. Já escolheu as primeiras paradas: Laos, pelo ineditismo, Canadá e Nova Zelândia, por amor.

Com tanta andança pela vida, Roberto diz que não teve muito tempo como gostaria com a família. Agora, quer estar mais presente. Pelo mundo afora, como não poderia deixar de ser. Foi então que criou o “vovô tour”: as férias anuais nas quais ele promete levar os quatro filhos, sete netos, além de genros e noras uma vez por ano para passear.

O roteiro também já está pronto: Praga, Brastislava, passando por Viena e Budapeste. “Quero oferecer isso a meus netos como uma forma de união e, ao mesmo tempo, de cultura, de diversão e de aproximação. Com a vida que eu tinha, me afastei das família. Quero que meus netos me conheçam e, para isso, tenho que ficar mais perto.” Mas sempre voando. ■



# Melhores entre os melhores

## CONHEÇA AS COOPERATIVAS VENCEDORAS DO PRÊMIO SOMOSCOOP MELHORES DO ANO 2022

Por Lílian Beraldo

A cada dois anos, um seleto grupo de cooperativas recebe do Sistema OCB o título de “Melhores do Ano” – um reconhecimento à criatividade, à visão estratégica e aos resultados obtidos, com reflexo nas pessoas e comunidades onde estão inseridas.

Em 2022, na 13ª edição do *Prêmio SomosCoop Melhores do Ano*, houve novo recorde de inscrições: foram 787 cases enviados por 431 cooperativas de todo o Brasil. Elas concorreram ao troféu de melhores do ano em seis categorias: Comunicação e Difusão do Coop, Coop Cidadã, Desenvolvimento Ambiental, Fidelização, Inovação e Intercooperação.

“Este é o maior prêmio do cooperativismo brasileiro, criado justamente para destacar os melhores projetos desenvolvidos pelo coop em áreas estratégicas para o fortalecimento do nosso movimento”, explica Tania Zanella, superintendente do Sistema OCB.

Na visão de Tania, a premiação ganhou o coração das cooperativas justamente por avaliar os benefícios gerados pelo coop para os cooperados e para a comunidade. “Cooperativismo é isso: buscar o desenvolvimento sustentável de todos, sem jamais esquecer de colocar a felicidade e o bem-estar das pessoas em primeiro lugar”, ressalta.

A superintendente explica que um segundo objetivo do *Prêmio SomosCoop Melhores do Ano* — tão importante quanto reconhecer a pujança do coop brasileiro — é divulgar projetos que possam ser replicados com sucesso por outras cooperativas. “Boas práticas existem para serem replicadas. Ao compartilhar as iniciativas das *Melhores do Ano*, estamos fomentando a intercooperação e trabalhando para melhorar os resultados de todo o cooperativismo”, finaliza.

Conheça, a seguir, os cases vencedores das seis categorias desta edição:

## FICHA TÉCNICA

**Cooperativa:** Sicoob Cocred (SP)

**Ramo:** Crédito

**Projeto:** Jornada do Cooperativismo

**Indicadores de desempenho:**

- 4 milhões de pessoas impactadas pelas mensagens da campanha nos seguintes canais de TV: EPTV e TV TEM (afiliadas da Rede Globo), SBT, Rede Record, TV Clube (afiliada Band) e Globo News.
- 399 mil acessos às matérias e textos publicados pela cooperativa no GSHOW, G1 e Portal A Cidade ON.
- 97 mil pessoas ouviram a série jornalística "Especial Cooperativismo", veiculada na rádio CBN e na plataforma de streaming Spotify.

Acesse o vídeo-case



## COMUNICAÇÃO E DIFUSÃO DO COOP

# Histórias e jornalismo: um caminho para conquistar novos cooperados

A melhor forma de divulgar o cooperativismo é mostrando o impacto que ele gera na vida das pessoas. O Sicoob Cocred partiu dessa premissa para criar o projeto *Jornada do Cooperativismo*, uma campanha que impactou 4 milhões de pessoas das regiões de Sertãozinho, Ribeirão Preto, São José do Rio Preto, Franca e Marília, onde a cooperativa atua e mantém postos de atendimento. Os públicos prioritários eram jovens de até 25 anos (cooperados em potencial) e os responsáveis pelas decisões de compras dentro de uma família (normalmente, as mulheres).

Consciente de que cada mídia tem sua própria linguagem e objetivo, o Sicoob Cocred investiu em diferentes produções audiovisuais. No rádio, optou-se pela produção de uma série jornalística de 10 episódios sobre cooperativismo, veiculada nos programas Manhã CBN e Giro CBN. Os podcasts da série foram disponibilizados no portal da rádio CBN e na plataforma Spotify.

Na televisão, houve produção de matérias jornalísticas exibidas no jornal EPTV 1 e no programa Mais Caminhos. Também foi colocada no ar a minissérie "Cooperativismo e Impacto Social", com quatro episódios, divulgada na internet e também nos seguintes canais de televisão: Band, Record, SBT, Globo e Globo News.

Por fim, o Sicoob Cocred patrocinou a veiculação de matérias so-

bre o cooperativismo no GSHOW, G1 e no site A Cidade ON.

"Estou no Cocred há mais de 40 anos e sempre levantamos a bandeira do cooperativismo, mas com foco no nosso negócio. Por isso, era um desejo realizar uma campanha como essa, abrangente, que levasse à população os benefícios do cooperativismo em todos os setores. Ficamos muito satisfeitos com os resultados e recebemos *feedbacks* positivos dos gerentes, contando sobre pessoas que nos procuraram, após assistir à minissérie ou reportagens na TV, ou mesmo ouvir a série no rádio", explica o diretor geral do Sicoob Cocred, Antonio Claudio Rodrigues.

O sucesso da campanha também pode ser medido pelo depoimento de Edson de Oliveira, um aposentado que se associou à cooperativa após ser impactado pela minissérie produzida pela cooperativa.

"Quando ouvia falar de cooperativa, sempre vinha a minha mente o trabalho de reciclagem, de coleta seletiva. Não tinha ideia de quantas cooperativas existem no Brasil, de todos os setores onde elas estão, nem da força que elas têm. Nunca havia parado para pensar que o convênio médico é uma cooperativa, que o presunto vendido no mercado vem de uma cooperativa, nem sabia das vantagens de ser associado a uma cooperativa de crédito, em vez de ter uma conta em banco. Foi uma série bastante elucidativa", comemora.

## FICHA TÉCNICA

**Cooperativa:** Cercos (SE)

**Ramo:** Infraestrutura

**Projeto:** Escavação e Revitalização de Poços Artesianos

**Indicadores de desempenho:**

- Aumento do número de casas com água encanada e potável ligadas à rede de distribuição, de 20 para 143 residências.
- 64 produtores da agricultura familiar agora têm acesso à irrigação para suas culturas.
- O acesso à água fornecida pelos poços artesianos, para consumo próprio passou de 60 para 429 pessoas.
- O projeto atende 6 comunidades: Tabocas — que não recebia apoio do Poder Público e não tinha água encanada —, Piçarra, Luiz Freire, Açuzinho, Açú Velho e Lagarto.

Acesse o vídeo-case



## COOP CIDADÃ

# Água de beber em pleno sertão

No sertão de Sergipe, o calor castiga e a estiagem dura oito meses. Nesse período, falta água para as pessoas e também para a plantação. Disposta a reverter esse quadro, a cooperativa Cercos começou a cavar e revitalizar poços artesianos nas comunidades onde atua.

A ideia surgiu do pedido de um cooperado que, com razão, reclamou de um poço desativado há mais de 30 anos no povoado Luiz Freire, por falta de manutenção. Ele foi até a cooperativa em busca de ajuda para voltar a plantar.

"Desde a revitalização do poço, a nossa vida [na comunidade] melhorou uns 80%", comemora Josiel Souza Castelo, o "dono" da ideia. "As pessoas que antes passavam sede, não passam mais. Melhorou o valor da terra. Ano passado [depois do poço ser reaberto], conseguimos tirar 300 sacos de batata, antes não tirávamos nem um saco, porque não plantávamos nos meses de estiagem. Ganhamos mais dinheiro e estamos vivendo bem melhor."

Com o sucesso dessa primeira empreitada, os cooperados da Cercos fizeram uma assembleia e decidiram perfurar e revitalizar outros poços artesianos em novos locais. Para isso, também definiram pela destinação de 25% das sobras da cooperativa, em 2018 e 2019.

Além de melhorar a qualidade de vida das comunidades que sofriam com a inexistência ou deficiência da rede de abastecimento de água, o projeto possibilitou o incremento da geração de renda, já que o acesso à água contribuiu substancialmente com a agricultura familiar produzida pelos cooperados. O projeto abrangeu mais de 100 famílias e aproximadamente 430 pessoas ligadas direta e indiretamente à cooperativa. É o cooperativismo feito por e para pessoas.

## FICHA TÉCNICA

**Cooperativa:** Sicoob Credcooper (MG)

**Ramo:** Crédito

**Projeto:** Nascente Viva, Produzindo água e Promovendo Desenvolvimento Sustentável hoje e para Futuras Gerações

### Indicadores de desempenho:

- 39 nascentes recuperadas
- Realização de consultoria técnica, em parceria com a Embrapa, para manejo de solo com foco em produção de água em cerca de 1 mil hectares de terra
- Mobilização de 1,2 mil jovens em um programa de educação ambiental realizado em parceria com duas escolas públicas estaduais de ensino médio
- Doação de 15 mil mudas, em parceria com Instituto Terra, para o reflorestamento de 150 hectares de área de APP do bioma "Mata Atlântica".
- Aumento da vazão da nascente recuperada de 5 m<sup>3</sup> de água, em dezembro de 2016, para 53 m<sup>3</sup> em 2022.



## DESENVOLVIMENTO AMBIENTAL

# Preservando nascentes

Proteger as nascentes é garantir água para todos. Com a preservação desses nascedouros – mesmo que o curso de um rio esteja poluído ou degradado – é grande a chance de recuperar o corpo hídrico. Ao contrário, se as nascentes forem destruídas quase nada se pode fazer para reverter a situação. Fonte necessária à vida, a água é um recurso que precisa ser preservado.

Com isso em mente, o Sicoob Credcooper desenvolveu um projeto para promover a revitalização e preservação de nascentes por meio da conscientização ambiental, agricultura e pecuária sustentável, manejo integrado de bacias e uso consciente da água.

Tudo começou na região de Caratinga (MG), onde a cooperativa opera. A comunidade vinha sofrendo um processo intenso de degradação ambiental dos solos, mananciais e reservas naturais — consequência direta das queimadas, dos períodos longos de seca, da falta de educação e conscientização ambiental e da expansão desordenada da agricultura e pecuária local.

Resultado? A seca foi agravada e houve perda de solo fértil por causa da erosão e do assoreamento das nascentes. Para piorar a situação, as nascentes foram prejudicadas e houve uma redução tanto da quantidade quanto da qualidade de água.

O projeto *Nascente Viva* surgiu em um período de agravamento dessa crise hídrica, no ano de 2015. À época, foi necessário racionalizar o abastecimento de água em algumas cidades, fato que prejudicou, inclusive, a produção e distribuição de alimentos. Preocupado, um grupo de cooperados do distrito de Santa Luzia pediu à cooperativa que realizasse um seminário sobre a recuperação de nascentes. Aquele foi o início de um projeto maior, que já recuperou 39 nascentes na região, promovendo a sustentabilidade da agricultura familiar e a segurança alimentar, além de contribuir com a restauração da Mata Atlântica.

"Para nós, água significa vida. Hoje, graças a Deus e ao Sicoob Credcooper, temos água suficiente para irrigar as lavouras de café", avalia o cooperado e produtor de café Silvio Roberto Primo.

## FICHA TÉCNICA

**Cooperativa:** Coplacana (SP)

**Ramo:** Agropecuário

**Projeto:** Núcleo Jovem Coplacana

### Indicadores de desempenho:

- Atração de novos cooperados (115 jovens com idade entre 16 e 35 anos)
- 16 filiais da cooperativa agora contam com pelo menos 1 membro do Núcleo Jovem em seu quadro social.



## FIDELIZAÇÃO

# Núcleo de atração do futuro

Para construir o futuro do cooperativismo, é preciso renovar o quadro de associados e atrair uma nova geração de líderes. Pensando nisso, a Coplacana investiu na criação de um Núcleo Jovem, responsável por planejar e executar atividades voltadas especificamente a produtores na faixa etária de 16 a 35 anos. Ao colocar os jovens no centro das atenções, a Coplacana garantiu o *Prêmio SomosCoop Melhores do Ano 2022*, na categoria Fidelização.

O Núcleo Jovem da cooperativa promove encontros quinzenais sobre temas técnicos do agronegócio e incentiva o planejamento da sucessão familiar nas propriedades. O grupo é coordenado, atualmente, por cinco filhos de cooperados. Juntamente com dois colaboradores da Coplacana indicados pela diretoria, eles montam um cronograma anual que consiste em duas atividades por mês, em formato online, híbrido ou presencial. A ideia é que as atividades permitam que jovens de qualquer uma das filiais participem e interajam com outras pessoas de idades semelhantes, trocando experiências e fortalecendo seu vínculo com a cooperativa.

Para atrair uma geração atendida e conectada, as redes sociais entraram em campo. Foram criados perfis do Núcleo Jovem no Instagram, Facebook e LinkedIn. Para participar, é necessário fazer um pré-cadastro. Após passar por uma entrevista, o jovem é inserido no

grupo de WhatsApp para poder conversar e trocar informações.

"Posso dizer que o Núcleo Jovem da Coplacana tem trazido muito aprendizado para minha vida, com os eventos técnicos das mais diversas áreas do agronegócio, visitas em empresas e a troca de experiência entre os membros. Esse projeto tem tudo para crescer cada vez mais, e com certeza agregar muita bagagem na carreira profissional e pessoal dos jovens envolvidos.", avalia João Pedro Pacheco, membro da coordenação do Núcleo Jovem Coplacana.

A aproximação entre diferentes gerações de produtores, com troca de experiências, rodas de conversas e confraternizações, também foi bastante positiva.

"Trabalhando na coordenação, neste ano de 2022, pude me aproximar ainda mais da cooperativa e aprender os valores cooperativistas — especialmente aqueles que envolvem a educação, intercooperação e interesse pelo desenvolvimento da sociedade. No Núcleo, trabalhamos para auxiliar jovens que estão iniciando a vida profissional, trazendo conteúdos técnicos e de desenvolvimento pessoal, além de trocar experiências de vida", afirma Victor Sanches, cooperado e vice-coordenador do Coplacana Jovem.

Atualmente, a Coplacana conta com 95 jovens, atuantes nas atividades da cooperativa.

### Acesse o vídeo-case



### Acesse o vídeo-case



## FICHA TÉCNICA

**Cooperativa:**  
Cooperacre (AC)

**Ramo:** Agropecuário

**Projeto:** Fortalecendo o extrativismo e viabilizando o desenvolvimento sustentável através da tecnologia

### Indicadores de desempenho:

- Números de associados passou de 1600 para 2.235
- Aumento do número de cooperativas e associações: de 34 para 45
- Crescimento exponencial da escala produtiva, de 45 para 900 toneladas



## INOVAÇÃO

# Tecnologia na floresta (FZB1)

Com importância significativa na economia regional, a castanha do Brasil é um dos principais produtos florestais não madeireiros do estado do Acre. Logo, aprimorar e aumentar a produção dessa castanha são formas de contribuir com o desenvolvimento da economia local e da qualidade de vida de pequenos produtores.

Por conhecer de perto essa realidade, a Cooperativa Central de Comercialização Extrativista do Acre (Cooperacre) investiu em tecnologia para aumentar a produtividade das castanheiras e evitar o êxodo rural da região.

O primeiro investimento da cooperativa foi a compra de um equipamento de seleção e classificação da castanha, visando o aumento tanto da produção anual quanto da qualidade do produto. A máquina separa as amêndoas, automaticamente, em cinco classificações. Antes dela, esse processo era realizado manualmente, de forma lenta e nem sempre precisa.

A Cooperacre busca, com essas tecnologias, a melhora da escala de produção e da qualidade do produto. “De quebra, reduzimos custos e nos tornamos mais competitivos no mercado, entregando um melhor preço aos cooperados e aos consumidores”, avalia

o superintendente da Central, Manoel Monteiro de Oliveira. O maquinário também ajudou a reduzir os riscos de contaminação, garantindo à cooperativa certificações que garantem a qualidade do produto.

Empolgados com os resultados obtidos, os cooperados ficaram ainda mais motivados a produzir. E até mesmo quem não entende muito de tecnologia, aprovou as inovações da cooperativa.

“Eu não entendo muito desse negócio de tecnologia, mas houve um aumento bem relevante na produção dos nossos cooperados. Eles também estão bem motivados a trazer seus produtos para a cooperativa, deixando de entregá-los ao primeiro atravessador que aparecer”, avalia Antonio Mendes de Oliveira, cooperado da singular Cooperliber.

Vale destacar: com a chegada desse e de outros equipamentos, toda a mão de obra foi realocada para outros setores da cooperativa, ajudando a aumentar a produtividade e os resultados de todo o grupo de cooperados. Uma prova de que a tecnologia pode, sim, ser sustentável e que o homem pode viver em harmonia com a floresta, aliando o aumento da produtividade com a preservação do meio ambiente.



## INTERCOOPERAÇÃO

# Exemplo de boa vizinhança

## FICHA TÉCNICA

**Cooperativas:** Copagril e Lar Cooperativa (PR)

**Ramo:** Agropecuário

**Projeto:** Aliança estratégica de intercooperação na avicultura de corte

### Indicadores de desempenho:

- Aumento do número de empregos gerados na unidade industrial de aves de Marechal Cândido Rondon (de 2.100 para 2.350 postos de trabalho) e na indústria de rações do município de Entre Rios do Oeste (de 53 a 170)
- Total de aviários associados passou de 342 para 399, em um intervalo de dois anos.

O case vencedor da categoria intercooperação conta a história de duas cooperativas co-irmãs, que eram praticamente vizinhas no Paraná: a Copagril e Lar Cooperativa Agroindustrial. Elas decidiram unir forças para crescer no mercado da avicultura de corte. Resultado? Em dois anos de atividade, entre 2020 e 2022, elas geraram mais novos 100 postos de trabalho, conquistaram novos cooperados e ainda melhoraram a renda de seus associados.

Na época do acordo, a Copagril tinha apenas uma indústria com capacidade para abater 160 mil aves/dia. O alto custo de produção — principalmente do milho e da soja para a industrialização de rações — minava a competitividade da marca nos mercados nacional e internacional.

A Lar, por sua vez, possuía três indústrias de corte e cinco de rações, com produção de grãos capaz de garantir a alimentação de uma criação maior que a sua. Além disso, já estava habilitada a exportar cortes de aves para mais de 100 países. Foi então que surgiu a ideia de somar a produção das duas cooperativas para que elas pudessem conquistar, juntas, uma fatia maior do mercado.

Para garantir uma transição adequada para os cooperados da Copagril, manteve-se uma política de pagamento por média da produção para os três primeiros lotes dos avicultores. Assim, os produtores tiveram tempo e condições para se adaptar às exigências técnicas e uma tabela de pagamento 100% atrelada ao desempenho zootécnico.

“Decidimos fazer essa aliança estratégica porque enxergamos, na intercooperação, a oportunidade de crescer, ampliar a nossa produção de aves e gerar melhores ganhos para os nossos associados”, afirma Ricardo Chapla, diretor presidente da Copagril.

O diretor presidente da Lar, Irineo da Costa Rodrigues, concorda. “Nosso projeto de intercooperação trouxe o ganho de escala que o mercado exigia. A Copagril continua com seus associados, e é sócia da Lar apenas no segmento da avicultura — uma parceria muito positiva para as duas cooperativas e para os seus associados. Juntos, estamos crescendo, dividindo custos e nos tornando mais competitivos.”

# Influenciador Coop

O coop brasileiro tem um novo influenciador: Marcelo Vieira Martins, diretor executivo da Unicred União — cooperativa financeira com atuação no Paraná e Santa Catarina. Ele foi eleito, por voto popular, o vencedor da categoria “Influenciador coop”.

Com uma trajetória de 25 anos no Sistema Unicred, Marcelo é um apaixonado pelo cooperativismo — que considera a mais equilibrada forma de organização humana porque produz de verdade, distribui de modo justo e cada um é livre para participar.

“É uma alegria muito grande receber esse prêmio. Nosso desejo é o de difundir cada vez mais [o cooperativismo], para levar o mais longe possível o alcance de suas ações”, disse Marcelo, que recebeu 35.909 votos.

Criada em 2020, a categoria “Influenciador Coop” homenageia personalidades que se destaquem na divulgação de conteúdos positivos sobre o coop — em produções publicadas ou replicadas nas mídias on e off-line. As indicações dos candidatos foram feitas pelos sistemas estaduais. ■

Acesse o vídeo-case



Acesse o vídeo-case



# Dados X Ego



capacita**coop**

## Aprimore suas habilidades

para alavancar seus resultados!

Estude pela CapacitaCoop, a plataforma EaD do cooperativismo

-  mais de 100 cursos
-  diversas áreas do conhecimento
-  disponível 24 horas por dia
-  ferramentas interativas
-  central de ajuda

100%  
online e  
gratuito

Confira nossa vitrine de cursos e **inscreva-se!**

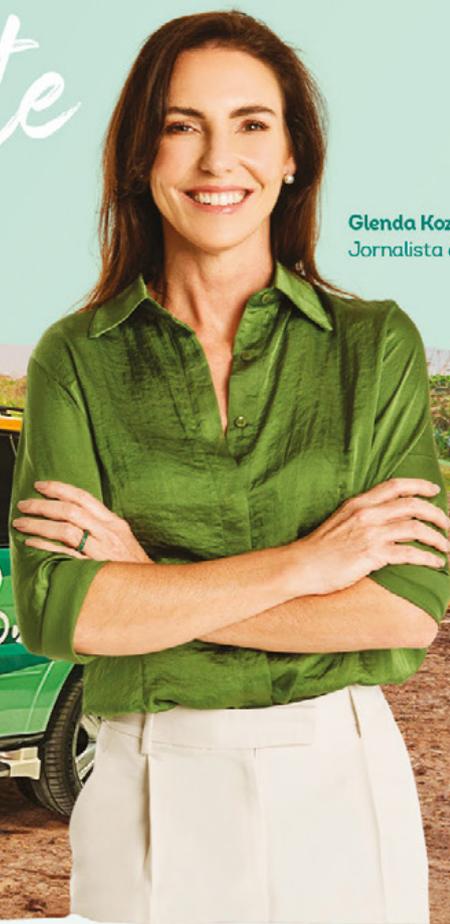


capacita.coop.br

 Sistema**OCB**

A expedição do cooperativismo  
já começou! Coloque o cinto e  
*vem com a gente*

Glenda Kozlowski  
Jornalista e apresentadora



→ Assista agora

Com **Glenda Kozlowski** no comando, o SomosCoop na Estrada está viajando o Brasil para mostrar como é o dia a dia nas cooperativas, o trabalho dos cooperados e as conquistas das comunidades. Tudo isso virou uma websérie para você assistir, compartilhar e fazer parte da expedição coop pelo país.



[somos.coop.br/naestrada](https://somos.coop.br/naestrada)

